O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 10

SAUPTIKA PARVA

Ou

O LIVRO DO SONO

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzido para o português por Eleonora Meier [2005-2011] e
Brevemente revisado pela tradutora em 2016 para leves alterações gramaticais, para a inclusão de marcadores e dos nomes dos dois sub-parvas.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

Sauptika Parva

1

Om! Tendo reverenciado Narayana, e Nara o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra "Jaya" deve ser proferida!

Sanjaya disse, "Aqueles heróis então foram juntos em direção ao sul. Na hora do pôr do sol eles alcançaram um local perto do acampamento (Kuru). Deixando seus animais soltos eles ficaram muito assustados. Chegando então a uma floresta, eles secretamente a adentraram. Eles se alojaram lá a uma distância não muito grande do acampamento. Cortados e mutilados por muitas armas afiadas, a respiração deles era pesada e difícil, pensando nos Pandavas. Ouvindo o barulho alto feito pelos Pandavas vitoriosos, eles tiveram medo de uma perseguição e, portanto, fugiram para o leste. Tendo prosseguido por algum tempo, seus animais ficaram cansados e eles mesmos ficaram com sede. Dominados pela ira e pelo sentimento de vingança, aqueles grandes arqueiros não podiam suportar o que tinha ocorrido, queimando como eles estavam com (a dor pela) morte do rei. Eles, no entanto, descansaram por um tempo".

Dhritarashtra disse, "A façanha, ó Sanjaya, que Bhima realizou parece ser incrível, já que o meu filho que foi derrotado possuía a força de dez mil elefantes. Com coragem superior e sendo possuidor de um corpo impenetrável, ele não podia ser morto por nenhuma criatura! Ai, até esse meu filho foi derrotado pelos Pandavas em batalha! Sem dúvida, ó Sanjaya, meu coração é feito de diamante, já que não se parte em mil pedaços mesmo depois de saber da morte dos meus cem filhos! Ai, quão difícil será a minha situação e a da minha esposa, um velho casal desprovido de filhos! Eu não ouso morar nos domínios do filho de Pandu! Tendo sido o senhor de um rei e um rei eu mesmo, ó Sanjaya, como eu passarei os meus dias como um escravo obediente às ordens do filho de Pandu? Tendo dado as minhas ordens para toda a Terra e ficado acima das cabeças de todos, ó Sanjaya, como eu viverei agora como um escravo em miséria? Como eu serei capaz, ó Sanjaya, de suportar as palavras de Bhima que matou sozinho todos os meus cem filhos? As palavras de Vidura de grande alma vieram a se realizar! Ai, meu filho, ó Sanjaya, não escutou aquelas palavras! O que, no entanto, fizeram Kritavarma e Kripa e o filho de Drona depois que o meu filho Duryodhana tinha sido injustamente derrotado?'

Sanjaya disse, "Eles não tinham ido longe, ó rei, quando pararam, pois eles viram uma floresta densa cheia de árvores e trepadeiras. Após descansarem por pouco tempo eles entraram naquela grande floresta, seguindo em seus carros levados por seus corcéis excelentes cuja sede estava saciada. Aquela floresta abundava com diversas espécies de animais, e várias espécies de aves. E era coberta com muitas árvores e trepadeiras e era infestada por numerosas criaturas carnívoras. Coberta com muitos trechos de água e adornada com várias espécies de flores, ela tinha muitos lagos cobertos com lótus azuis.

Entrando naquela floresta densa, eles olharam em volta e viram uma árvore banyan (figueira de bengala) gigantesca com milhares de ramos. Indo para a sombra daquela árvore, aqueles grandes guerreiros em carros, ó rei, aqueles principais dos homens viram que aquela era a maior árvore naquela floresta. Descendo dos seus carros, e deixando seus animais soltos, eles se purificaram devidamente e recitaram as suas preces noturnas. O Sol então alcançou as montanhas Asta, e a Noite, a mãe do universo, chegou. O firmamento, cheio de planetas e estrelas, brilhava como uma peça de brocado ornamentado e apresentava um espetáculo muito agradável. As criaturas que vagavam à noite começaram a uivar e proferir seus gritos à vontade, enquanto aquelas que caminhavam durante o dia ficaram sob a influência do sono. Horrível tornou-se o barulho dos animais errantes da noite. As criaturas carnívoras se encheram de alegria, e a noite, enquanto se aprofundava, tornou-se terrível.

Naquela hora, cheios de dor e tristeza, Kritavarma e Kripa e o filho de Drona sentaram-se juntos. Sentados sob aquela banyan, eles começaram a expressar sua tristeza a respeito daquela questão muito importante: a destruição que tinha acontecido, de ambos, os Kurus e os Pandavas. Pesados de sono, eles se deitaram na terra nua. Eles estavam extremamente cansados e muito feridos por flechas. Os dois grandes guerreiros em carros, Kripa e Kritavarma, sucumbiram ao sono. Embora merecedores de felicidade e não merecedores de tristeza, eles então se esticaram na terra nua. De fato, ó monarca, aqueles dois que tinham sempre dormido em camas caras agora dormiam, como pessoas desamparadas, no solo nu, afligidos pela dor e a exaustão.

O filho de Drona, no entanto, ó Bharata, entregando-se à influência da cólera e reverência, não podia dormir, e continuou a respirar como uma cobra. Queimando de raiva, ele não conseguia dormir. Aquele herói de braços fortes olhava para todos os lados daquela floresta terrível. Enquanto ele examinava aquela floresta povoada com diversas espécies de criaturas, o grande guerreiro viu uma banyan grande coberta com corvos. Naquela banyan milhares de corvos se empoleiravam à noite. Cada um pousado separado de seu vizinho, aqueles corvos dormiam tranquilamente, ó Kauravya! Enquanto, no entanto, aquelas aves estavam dormindo seguramente por todos os lados, Aswatthaman viu que uma coruja de aspecto terrível apareceu de repente lá. De gritos assustadores e corpo gigantesco, com olhos verdes e plumagem escura, seu nariz era muito grande e suas garras eram compridas. E a velocidade com qual ela veio parecia a de Garuda. Proferindo gritos baixos aquela criatura alada, ó Bharata, aproximou-se secretamente dos ramos daquela banyan. Aquela viajante do céu, matadora de corvos, pousando sobre um dos ramos da banyan, matou um grande número de seus inimigos adormecidos. Ele arrancou as asas de alguns e cortou as cabeças de outros com suas garras afiadas e quebrou as pernas de muitos. Dotada de grande força, ela matou muitos que caíram diante dos seus olhos. Com os membros e corpos, ó monarca, dos corvos mortos, a área coberta pelos ramos espalhados da banyan ficou coberta com uma camada espessa por todos os lados. Tendo matado aqueles corvos, a coruja ficou cheia de alegria como um

matador de inimigos depois de ter se comportado com seus inimigos de acordo com a sua vontade.

Contemplando aquele feito altamente sugestivo cometido durante a noite pela coruja, o filho de Drona começou a refletir sobre ele, desejoso de ajustar sua própria conduta à luz daquele exemplo. Ele disse a si mesmo, "Essa coruja me ensina uma lição de batalha. Disposto como eu estou a destruir o inimigo, chegou a hora de fazê-lo! Os Pandavas vitoriosos não podem ser mortos por mim! Eles possuem força, perseverança, mira certeira, e são hábeis em golpear. Na presença, no entanto, do rei eu jurei matá-los. Eu dessa forma me comprometi a fazer uma ação autodestrutiva, como um inseto tentando entrar em um fogo ardente! Se eu fosse lutar de modo justo com eles, eu teria, sem dúvida, que sacrificar a minha vida! Por uma ação de fraude, no entanto, o sucesso ainda pode ser meu e uma grande destruição pode tragar meus inimigos! As pessoas em geral, como também aquelas versadas nas escrituras, sempre elogiam aqueles meios que são certos ao invés dos que são incertos. Qualquer crítica e má reputação que essa ação possa provocar devem ser incorridas pela pessoa que é cumpridora das práticas kshatriya. Os Pandavas de almas impuras, a cada passo, cometeram atos muito hediondos e censuráveis que eram também cheios de fraude. A respeito desta questão, certos versos antigos, cheios de verdade, são ouvidos, cantados por pessoas que veem a verdade e praticantes da retidão, que os cantaram depois de uma consideração cuidadosa das exigências da justiça.

Os versos estão são estes: ‘O exército do inimigo, mesmo quando cansado, ou ferido com armas, ou empenhado em comer, ou quando retirado, ou quando descansando dentro do seu acampamento, deve ser atacado. Eles devem ser tratados do mesmo modo quando tomados pelo sono nas altas horas da noite, ou quando privados de comandantes, ou quando enfraquecidos ou quando sob a impressão de um erro’.

Ao refletir dessa forma, o valente filho de Drona tomou a decisão de matar durante a noite os Pandavas e os Pancalas adormecidos. Tendo tomado essa decisão pecaminosa e se comprometendo repetidamente a executá-la, ele despertou seu tio materno e o chefe dos Bhojas. Acordados de seu sono, aqueles dois homens ilustres e poderosos, Kripa e o chefe Bhoja, ouviram o plano de Ashvatthama. Cheios de vergonha, ambos se abstiveram de dar uma resposta conveniente.

Tendo refletido por poucos momentos, Ashvatthama disse com olhos cheios de lágrimas, "O rei Duryodhana, aquele herói de grande poder, por cuja causa nós entramos em hostilidades com os Pandavas, foi morto! Abandonado e só, embora ele fosse o senhor de onze akshauhinis de tropas, aquele herói de bravura imaculada foi derrubado por Bhimasena e um grande número de miseráveis unidos em batalha! Outro ato pecaminoso foi cometido pelo vil Vrikodara, pois ele tocou com o pé a cabeça de uma pessoa cujos cabelos passaram pelo banho sagrado! Os Pancalas estão proferindo rugidos e gritos altos e dando gargalhadas altas. Cheios de alegria, eles estão soprando suas conchas e batendo seus tambores! O som alto de seus instrumentos, misturado com o clangor das

conchas, é terrível para os ouvidos e, levado pelos ventos, está enchendo todos os pontos do espaço. Alto também é o rumor feito por seus corcéis relinchando e elefantes grunhindo e guerreiros rugindo! Esse barulho ensurdecedor feito pelos guerreiros regozijantes enquanto eles estão marchando para seus alojamentos, como também o ruído terrível das todas de seus carros, vem até nós do leste. Tão grande foi a destruição feita pelos Pandavas sobre os Dhartarashtras que nós três somos os únicos sobreviventes daquela grande carnificina! Alguns eram dotados da força de cem elefantes, e alguns eram mestres de todas as armas. Mas ainda assim eles foram mortos pelos filhos de Pandu! Eu considero que este é um exemplo dos reveses ocasionados pelo Tempo! Realmente, este é o fim ao qual esse ato leva! Realmente, embora os Pandavas tenham realizado tais façanhas difíceis, esse mesmo deve ser o resultado daquelas façanhas! Se a sua sabedoria não foi afugentada pelo estupor, então digam o que é apropriado para nós fazermos em vista desse caso calamitoso e sério'.

2

Kripa disse, "Nós ouvimos tudo o que tu disseste, ó pujante! Escute, no entanto, umas poucas palavras minhas, ó tu de braços poderosos! Todos os homens estão sujeitos e são governados por estas duas forças: Destino e Esforço. Não há nada superior a esses dois. As nossas ações não se tornam bem-sucedidas só por causa do destino, nem só do esforço, ó melhor dos homens! O sucesso vem da união dos dois. Todos os propósitos, altos e baixos, dependem da união desses dois. Em todo o mundo, é através desses dois que os homens são vistos agirem como também se absterem. Qual resultado é produzido pelas nuvens despejando chuva sobre uma montanha? Quais resultados não são produzidos por elas despejando chuva sobre um campo cultivado? Esforço, onde o destino não é propício, e ausência de esforço onde o destino é propício são ambos inúteis! O que eu disse antes (sobre a união dos dois) é verdade. Se as chuvas umedecem devidamente um solo bem cultivado, as sementes produzem ótimos resultados. O sucesso humano é dessa natureza.

Às vezes, o Destino, tendo determinado um curso de eventos, age por si próprio (sem esperar pelo esforço). Apesar disso, os sábios, ajudados pela habilidade, recorrem ao esforço. Todos os propósitos dos atos humanos, ó touro entre homens, são realizados pela ajuda desses dois juntos. Influenciados por esses dois, os homens são vistos se esforçarem ou se absterem. Auxílio pode ser obtido pelo esforço. Mas o esforço tem sucesso pelo destino. É por causa também do destino que alguém que começa a trabalhar, dependendo do esforço, alcança o sucesso. O esforço, no entanto, mesmo de um homem competente, mesmo quando bem dirigido, que não tem a cooperação do destino, não é visto produzir resultados no mundo. Aqueles, portanto, entre os homens, que são preguiçosos e sem inteligência desaprovam o esforço. Essa, no entanto, não é a opinião dos sábios.

Geralmente, uma ação realizada não é vista como improdutiva de frutos no mundo. A ausência de ação, por outro lado, é vista como produtiva de grave miséria. Uma pessoa obtendo alguma coisa sem ter feito quaisquer esforços, como também uma pessoa não obtendo nada mesmo depois de esforço, não é vista. Alguém que esteja ocupado em ação é capaz de manter a vida. Aquele, por outro lado, que é preguiçoso nunca obtém felicidade. Neste mundo de homens é geralmente visto que aqueles que são dedicados à ação são sempre inspirados pelo desejo de ganhar bem. Se alguém dedicado à ação consegue seu objetivo ou fracassa em obter o fruto de suas ações ele não se torna censurável em nenhuma circunstância. Se alguém no mundo é visto desfrutando luxuosamente dos frutos da ação sem fazer nenhuma ação, ele é geralmente visto cair no ridículo e vira um objeto de aversão. Aquele que, desconsiderando essa regra acerca da ação, vive de outra maneira, é citado como alguém que ofende a si mesmo. Essa é a opinião daqueles que são dotados de inteligência.

Os esforços se tornam improdutivos por consequência destas duas razões: destino sem esforço e esforço sem destino. Sem esforço, uma ação neste mundo não se torna bem-sucedida. Dedicada à ação e dotada de habilidade, aquela pessoa que, tendo reverenciado os deuses, procura a realização dos seus objetivos, nunca fica perdida. O mesmo é o caso de alguém que, desejoso de sucesso, serve devidamente aos idosos, pergunta a eles o que é para o seu bem, e obedece aos seus conselhos benéficos. Homens aprovados pelos mais velhos devem sempre ser solicitados para aconselhar quanto alguém recorre ao esforço. Esses homens são a base infalível dos meios, e o sucesso depende dos meios. Aquele que aplica seus esforços depois de escutar as palavras dos idosos logo colhe frutos abundantes daqueles esforços. O homem que, sem reverência e respeito para com outros (capazes de dar a ele bons conselhos), procura a realização dos seus propósitos, movido pela paixão, raiva, medo, e avareza, logo perde a sua prosperidade.

Duryodhana, manchado pela avareza e privado de previdência, sem se aconselhar, começou imprudentemente a procurar a realização de um projeto indigesto. Desconsiderando todos os que lhe desejavam bem e se aconselhando somente com os vis, ele, embora dissuadido, travou hostilidades com os Pandavas que eram seus superiores em todas as boas qualidades. Ele, desde o início, foi muito perverso. Ele não pode reprimir a si mesmo. Ele não fez o que os amigos lhe pediram. Por tudo isso, ele está agora queimando em dor e em meio à calamidade. Em relação a nós, já que nós seguimos aquele patife pecaminoso, essa grande calamidade, portanto, nos alcançou! Essa grande calamidade queimou a minha compreensão. Mergulhado em reflexão, eu fracasso em ver o que é para o nosso bem!

Um homem que está estupefato deve pedir conselhos de seus amigos. Em tais amigos ele tem sua compreensão, sua humildade, e sua prosperidade. As ações dele devem ter sua base neles. Deve ser feito aquilo que esses amigos inteligentes, tendo decidido por seu discernimento, aconselharem. Vamos, portanto, até Dhritarashtra e Gandhari e Vidura de grande alma e perguntemos a eles o que devemos fazer. Questionados por nós, eles dirão o que, depois disso

tudo, é para o nosso bem. Nós devemos fazer o que eles disserem. Essa é a minha resolução certa. Aqueles homens cujas ações não têm sucesso mesmo depois da aplicação do esforço devem, sem dúvida, ser considerados como afligidos pelo destino”.

3

Sanjaya disse, "Ouvindo essas palavras de Kripa que eram propícias e repletas de moralidade e valor, Ashvatthama, ó monarca, ficou cheio de tristeza e aflição. Queimando de aflição como se essa fosse um fogo ardente, ele tomou uma decisão perversa e então se dirigiu a ambos dizendo, ‘A faculdade da compreensão é diferente em homens diferentes. Cada homem, no entanto, está satisfeito com sua própria inteligência. Cada homem se considera mais inteligente do que os outros. Cada um respeita a sua própria compreensão e confere a ela grande louvor. A sabedoria de cada um é, para cada um, um objeto de louvor. Todos falam mal da sabedoria dos outros e bem da própria, em todas as ocasiões. Homens cujos julgamentos concordam em relação a algum objetivo não alcançado, mesmo que haja uma variedade de considerações, ficam satisfeitos e elogiam uns aos outros. Os julgamentos, também, dos mesmos homens, oprimidos com os reveses pela influência do tempo, se tornam contrários uns aos outros. Mais particularmente, por causa da diversidade de intelectos humanos, os julgamentos são necessariamente diferentes quando os intelectos estão nublados.

Como um médico habilidoso, tendo devidamente diagnosticado uma doença, prescreve um remédio pela aplicação da sua inteligência para efetuar uma cura, assim os homens, para a realização das suas ações, usam a sua inteligência, ajudados por sua própria sabedoria. O que eles fazem é também desaprovado por outros. Um homem, na juventude, é afetado por um tipo de compreensão. Na meia-idade o mesmo não mais prevalece, e no período de decadência, um tipo diferente de compreensão se torna agradável para ele. Quando caído em uma angústia terrível ou quando visitado por grande prosperidade, a compreensão de uma pessoa, ó chefe dos Bhojas, é vista ser muito atormentada. Em uma mesma pessoa, por falta de sabedoria, a compreensão se torna diferente em tempos diferentes. Aquela compreensão que em uma época era aceitável torna-se o contrário disso em outra época.

Tendo decidido, no entanto, de acordo com a própria sabedoria, deve-se se esforçar para realizar a decisão que é excelente. Tal decisão, portanto, deve forçá-lo a empregar esforço. Todas as pessoas, ó chefe dos Bhojas, começam a agir alegremente, mesmo a respeito de empreendimentos que levam à morte, na convicção de que aqueles empreendimentos são realizáveis por eles. Todos os homens, confiando em seus próprios julgamentos e sabedoria, se esforçam para realizar diversos propósitos, sabendo que eles são benéficos. A resolução que possui minha mente hoje por causa da nossa grande calamidade, como uma coisa que é capaz de dissipar a minha dor, eu agora revelarei a vocês.

O Criador, tendo formado as suas criaturas, atribuiu a cada uma a sua ocupação. Com relação às diferentes classes, ele a deu a cada uma delas uma porção de excelência. Aos brâmanes ele atribuiu a principal de todas as coisas, o Veda. Aos Kshatriyas ele atribuiu energia superior. Aos Vaishyas ele deu habilidade, e aos Sudras ele deu o dever de servir às três outras classes. Então, um brâmane sem autocontrole é censurável. Um kshatriya sem energia é desprezível. Um vaisya sem habilidade é digno de menosprezo, como também um sudra que é desprovido de humildade (com as outras classes).

Eu nasci em uma família adorável e superior de brâmanes. Por má sorte, no entanto, eu sou dedicado às práticas kshatriyas. Se, conhecedor como eu sou dos deveres kshatriya, eu adotar agora os deveres os deveres de um brâmane e alcançar um objetivo elevado (a purificação do eu sob tais injúrias), esse curso de ação não será compatível com a nobreza. Eu seguro um arco excelente e armas excelentes em batalha. Se eu não vingar a morte do meu pai, como eu abrirei minha boca em meio aos homens? Respeitando os deveres kshatriya, portanto, sem hesitação, eu seguirei hoje os passos do meu pai de grande alma e do rei.

Os Pancalas, jubilosos com a vitória, dormirão confiantemente esta noite, tendo tirado suas armaduras e em grande alegria, e cheios de felicidade pensando na vitória que ganharam, e exaustos com o trabalho e esforço feitos. Enquanto dormirem tranquilamente à noite dentro do seu próprio acampamento eu farei um grande e terrível ataque sobre o seu acampamento. Como Maghavat matando os danavas, eu, atacando-os enquanto inconscientes e profundamente adormecidos em seu acampamento, matarei todos eles, empregando a minha destreza. Como um fogo ardente consome uma pilha de grama seca eu matarei todos eles reunidos em um lugar com seu líder Dhrishtadyumna! Tendo matado os Pancalas, eu obterei paz mental, ó melhores dos homens! Enquanto dedicado à ação de matança, eu me moverei entre eles como o manejador do Pinaka, o próprio Rudra, em fúria entre criaturas vivas. Tendo liquidado e matado todos os Pancalas hoje, eu irei então, em alegria, afligir os filhos de Pandu em batalha. Tirando as suas vidas uma depois da outra e fazendo a terra ser coberta com os corpos de todos os Pancalas, eu saldarei a dívida que tenho com meu pai. Eu hoje farei os Pancalas trilharem o mesmo caminho, difícil de trilhar, de Duryodhana e Karna e Bhishma, e do soberano dos Sindhus. Aplicando a minha força, eu esta noite moerei a cabeça, como a de um animal qualquer, de Dhrishtadyumna, o rei dos Pancalas! Eu irei esta noite, ó filho de Gautama, matar com minha espada afiada, em batalha, os filhos adormecidos dos Pancalas e dos Pandavas. Tendo exterminado o exército Pancala esta noite enquanto mergulhado no sono, ó tu de grande inteligência, eu obterei grande felicidade e me considerarei como tendo feito o meu dever!”

4

Kripa disse, "Por boa sorte, ó tu de glória imorredoura, o teu coração está fixo na vingança hoje. O próprio manejador do trovão não conseguirá te dissuadir hoje. Nós dois, no entanto, te acompanharemos de manhã. Tirando tua armadura e descendo teu estandarte, descansa por esta noite. Eu te acompanharei, como também Kritavarma da tribo Satwata, vestidos em cota de malha e sobre nossos carros, quando tu fores contra o inimigo. Unido conosco, tu matarás os inimigos, os Pancalas com todos os seus seguidores, amanhã na pressão da batalha, usando a tua destreza, ó principal dos guerreiros em carros! Se tu empregares a tua destreza, tu serás bastante competente para realizar este feito! Descansa, portanto, esta noite. Tu te mantiveste desperto por muitas noites. Tendo descansado e dormido, e ficando bastante revigorado, ó concessor de honras, combate o inimigo em batalha! Tu então matarás o inimigo, sem dúvida. Ninguém, nem Vasava entre os deuses, ousaria de superar armado com as principais das armas, ó principal dos guerreiros em carros! Quem, mesmo se ele fosse o próprio chefe dos deuses, lutaria com o filho de Drona, quando o último procede, acompanhado por Kripa e protegido por Kritavarma? Portanto, tendo descansado e dormido esta noite e nos livrado da fadiga, nós mataremos o inimigo amanhã de manhã! Tu és um mestre em armas celestes. Eu também sou, sem dúvida. Este herói da tribo Satwata é um arqueiro poderoso, sempre hábil em batalha. Todos nós, juntos, ó filho, conseguiremos matar nossos inimigos reunidos em batalha ao aplicarmos a nossa força. Grande será a nossa felicidade então! Dissipando as tuas ansiedades, descansa esta noite e dorme alegremente! Eu mesmo e Kritavarma, ambos armados com arco e capazes de queimar nossos inimigos, iremos, vestidos em armaduras, te seguir, ó melhor dos homens, quanto tu procederes em teu carro contra o inimigo. Indo para o acampamento deles e proclamando o teu nome em batalha, tu então farás um grande massacre do inimigo. Amanhã de manhã, em pleno dia, tendo feito uma grande matança entre eles tu te divertirás como Sakra depois de matar os grandes Asuras. Tu és bem capaz de vencer o exército dos Pancalas em batalha como o matador dos danavas em vencer em fúria a hoste danava. Unido comigo em batalha e protegido por Kritavarma, tu não podes ser resistido pelo próprio manejador do raio.

Nem eu, ó filho, nem Kritavarma nos retiraremos da batalha sem termos vencido os Pandavas! Tendo matado os Pancalas furiosos junto com os Pandavas nós iremos embora, ou, mortos por eles, nós iremos para o céu. Por todos meios em nosso poder nós dois te ajudaremos na batalha amanhã de manhã. Ó tu de braços poderosos, eu te digo a verdade, ó impecável!'

Ao ouvir essas palavras benéficas do seu tio materno, o filho de Drona, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu a ele, ó rei, dizendo, 'Como pode uma pessoa que está aflita, ou que está sob a influência da raiva, ou uma cujo coração está sempre dedicado a pensar em projetos para a aquisição de riqueza, ou que está sob o poder da luxúria, obter sono? Vê, todas essas quatro causas estão presentes no meu caso. Qualquer uma delas, separadamente, destruiria o sono.

Tão grande é a dor daquela pessoa cujo coração está sempre pensando na morte de seu pai! Meu coração está agora queimando dia e noite. Eu não consigo obter paz. O modo pelo qual meu pai especialmente foi morto por aqueles canalhas pecaminosos foi testemunhado por vocês todos. Pensar naquele assassinato está cortando todos os meus órgãos vitais. Como poderia uma pessoa como eu viver mesmo um momento depois de ouvir os Pancalas dizerem que eles mataram meu pai? Eu não posso suportar o pensamento de continuar a viver sem ter matado Dhrishtadyumna em batalha. Pela morte do meu pai ele deve ser morto por mim, como também todos com os quais ele está unido. Quem teria o coração tão duro que não queimaria depois de ter ouvido os lamentos que eu ouvi do rei jazendo com as coxas quebradas? Quem seria tão desprovido de compaixão cujos olhos não se encheriam de lágrimas depois de ouvir as palavras proferidas pelo rei com as coxas quebradas? Aqueles cujo lado foi adotado por mim foram derrotados. Esse pensamento aumenta a minha tristeza como uma torrente de águas aumenta o mar.

Protegidos como eles são por Vasudeva e Arjuna, eu os considero, ó tio, irresistíveis até pelo próprio grande Indra. Eu não posso reprimir essa ira crescente em meu coração. Eu não vejo o homem neste mundo que possa acalmar essa minha fúria! Os mensageiros me informaram da derrota dos meus amigos e da vitória dos Pandavas. Isso está queimando o meu coração. Tendo, no entanto, feito uma matança de meus inimigos durante o seu sono, eu irei então descansar e então dormirei sem ansiedade".

5

Kripa disse, "Uma pessoa que é privada de inteligência e que não tem suas paixões sob controle, mesmo que sirva aos seus superiores respeitosamente, não pode entender todas as considerações de moralidade. Essa é minha opinião. Da mesma maneira, uma pessoa inteligente que não pratica a humildade fracassa em entender as conclusões estabelecidas de moralidade. Um homem corajoso, se privado de inteligência, por servir toda a sua vida a uma pessoa erudita fracassa em conhecer seus deveres, como uma concha de madeira é incapaz de provar a sopa suculenta (na qual ela possa estar mergulhada). O homem sábio, no entanto, por servir a uma pessoa erudita mesmo por um momento consegue conhecer seus deveres, como a língua provando a sopa suculenta (logo que tem contato com a última). A pessoa que é dotada de inteligência, que serve aos seus superiores, e que tem suas paixões sob controle consegue conhecer todas as regras de moralidade e nunca se opõe ao que é aceito por todos. Uma pessoa indisciplinada, irreverente, e pecaminosa de alma vil comete pecados ao procurar o seu bem-estar por desconsiderar o destino.

Benquerentes procuram impedir um amigo de pecar. Aquele que se permite ser dissuadido consegue ganhar prosperidade. Aquele que faz o contrário colhe miséria. Como uma pessoa de inteligência desordenada é contida por palavras calmantes, assim mesmo um amigo deve ser contido por benquerentes. Aquele

que se permite ser assim reprimido nunca se torna vítima da miséria. Quando um amigo sábio está prestes a cometer uma má ação, benquerentes possuidores de sabedoria repetidamente e conforme o máximo que podem se esforçam para reprimi-lo. Colocando o teu coração sobre o que é realmente benéfico, e reprimindo a ti mesmo pelo teu próprio ser, faze o que eu te peço, ó filho, para que tu não tenhas que te arrepender depois.

Neste mundo, matar pessoas adormecidas não é aprovado, de acordo com os ditames da religião. O mesmo é o caso das pessoas que baixaram as armas e desceram de carros e corcéis. Também não são assassináveis aqueles que dizem ‘Nós somos teus’ e que se rendem, e aqueles cujos cabelos estão despenteados, e aqueles cujos animais foram mortos sob eles ou cujos carros foram quebrados. Todos os Pancalas dormirão esta noite, ó senhor, tirando as suas armaduras. Dormindo confiantemente, eles serão como homens mortos. O homem de mente desonesta que entrasse em hostilidade com eles nesse momento, é evidente, afundaria em um inferno profundo e ilimitado sem uma balsa para se salvar. Neste mundo tu és famoso como o mais notável de todos os que conhecem armas. Tu até agora não cometeste nem uma mínima transgressão. Quando o sol se erguer na manhã seguinte e a luz revelar todas as coisas, tu mesmo, como um segundo sol em refulgência, conquistarás o inimigo em batalha. Esse feito censurável, tão impossível em alguém como tu, parecerá uma mancha vermelha em um lençol branco. Essa é minha opinião”.

Ashvatthama disse, "Sem dúvida, é assim mesmo, ó tio materno, como tu disseste. Os Pandavas, no entanto, antes disso quebraram a ponte da justiça em cem fragmentos. Diante de todos os reis, perante os teus olhos também, o meu pai, depois que ele tinha deposto suas armas, foi morto por Dhrishtadyumna. Karna também, o principal dos guerreiros em carros, depois que a roda do seu carro tinha afundado e ele estava mergulhado em grande angústia, foi morto pelo manejador do Gandiva. Similarmente, Bhishma, o filho de Santanu, depois que tinha posto de lado as suas armas e ficado desarmado, foi morto por Arjuna com Shikhandi colocado em sua dianteira. Assim também, o arqueiro poderoso Bhurishrava, enquanto praticava o voto de praya no campo de batalha, foi morto por Yuyudhana em total desconsideração pelos gritos de todos os reis! Duryodhana também, tendo combatido Bhima em batalha com a maça, foi morto injustamente pelo último diante de todos os senhores da terra. O rei estava completamente só no meio de um grande número grande de poderosos guerreiros em carros ao redor dele. Sob tais circunstâncias aquele tigre entre homens foi morto por Bhimasena. Aquelas lamentações que eu ouvi, do rei jazendo prostrado sobre a terra com as coxas quebradas, dos mensageiros difundindo as notícias, estão cortando o âmago do meu coração. Os Pancalas injustos e pecaminosos, que derrubaram a barreira da virtude, são exatamente assim. Por que você não critica a eles que violaram todas as considerações? Tendo matado os Pancalas, aqueles assassinos do meu pai, durante a noite quando eles estiverem mergulhados no sono, eu não me importo se tiver que nascer como um verme ou um inseto alado na minha próxima vida. Isso que eu resolvi está me incitando na direção da sua realização. Inquieto como eu estou por isso, como eu posso ter

sono e felicidade? Ainda não nasceu no mundo, nem nascerá, o homem que conseguirá frustrar essa resolução que eu planejei para a destruição deles”.

Sanjaya continuou: "Tendo dito essas palavras, ó monarca, o valente filho de Drona uniu seus corcéis ao seu carro em um lugar afastado e partiu na direção de seus inimigos. Então Bhoja e o filho de Sharadvata, aqueles homens de grande alma, dirigiram-se a ele dizendo, ‘Por que tu unes os corcéis ao teu carro? A qual ato tu estás determinado? Nós estamos decididos a te acompanhar amanhã, ó touro entre homens! Nós compartilhamos contigo os mesmos sentimentos na dor e na prosperidade. Não cabe a ti suspeitar de nós’. Lembrando-se da morte de seu pai, Ashvatthama com raiva disse a eles a verdade acerca da ação que ele tinha resolvido realizar. ‘Quando meu pai, tendo matado centenas e milhares de guerreiros com flechas afiadas, tinha posto de lado as suas armas, ele foi então morto por Dhrishtadyumna. Eu matarei aquele assassino hoje em uma condição parecida com aquela, quando ele tiver posto de lado a sua armadura. O filho pecaminoso do rei dos Pancalas eu matarei hoje por uma ação pecaminosa. É minha decisão matar como um animal aquele príncipe pecaminoso dos Pancalas de tal modo que ele não possa alcançar as regiões ganhas pelas pessoas mortas com armas! Coloquem suas cotas de malha sem demora e peguem seus arcos e espadas, e esperem por mim aqui, ó principais dos guerreiros em carros e destruidores de inimigos’.

Após dizer essas palavras, Ashvatthama subiu no carro e partiu na direção do inimigo. Então Kripa, ó rei, e Kritavarma da tribo Satwata, ambos o seguiram. Enquanto os três procediam contra o inimigo, eles brilhavam como três fogos ardentes em um sacrifício, alimentados com libações de manteiga clarificada. Eles foram, ó senhor, para o acampamento dos Pancalas dentro do qual todos estavam dormindo. Tendo se aproximado do portão, o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, parou.

6

Dhritarashtra disse, "Vendo o filho de Drona parar no portão do acampamento, o que, ó Sanjaya, fizeram aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Kripa e Kritavarma? Dize-me!"

Sanjaya disse, "Convidando Kritavarma, como também o poderoso guerreiro em carro Kripa, o filho de Drona, cheio de raiva, se aproximou do portão do acampamento. Ele viu lá um ser de corpo gigantesco, capaz de fazer os cabelos se arrepiarem, e possuidor da refulgência do Sol ou da Lua, guardando a entrada. Em volta de seus quadris havia uma pele de tigre gotejando sangue, e ele tinha um veado negro como seu traje superior. Ele tinha como fio sagrado uma grande cobra. Seus braços eram muito longos e massivos e seguravam muitos tipos de armas. Ele tinha como seus *angadas* uma cobra grande enroscada na parte superior do braço. Sua boca parecia queimar com chamas de fogo. Seus dentes tornavam seu rosto terrível de se olhar. Sua boca era aberta e temível. Seu rosto

era adornado com milhares de olhos belos. Seu corpo não podia ser descrito, como também seu traje. As próprias montanhas, após contemplá-lo, se partiriam em mil fragmentos. Chamas ardentes de fogo pareciam sair de sua boca e nariz e orelhas e de todos aqueles milhares de olhos. Daquelas chamas ardentes centenas e milhares de Hrishikeshas saíram, armados com conchas e discos e maças.

Contemplando aquele ser extraordinário capaz de inspirar terror em todo o mundo, o filho de Drona, sem sentir nenhuma agitação o cobriu com chuvas de armas celestes. Aquele ser, no entanto, destruiu todas aquelas setas disparadas pelo filho de Drona. Como o fogo *vadava* devorando as águas do oceano, aquele ser devorou as setas atiradas pelo filho de Drona. Vendo a falta de efeito das suas chuvas de setas, Ashvatthama arremessou nele um dardo comprido brilhante como uma chama de fogo. Aquele dardo de ponta brilhante, atingindo aquele ser, se quebrou em pedaços como um enorme meteoro no término do yuga quebrando e caindo do firmamento depois de bater contra o Sol. Ashvatthama então, sem perder um momento, puxou de sua bainha uma cimitarra excelente da cor do céu e dotada de um punho dourado. A cimitarra saiu como uma cobra ardente da sua toca. O filho inteligente de Drona então arremessou aquela cimitarra excelente naquele ser. A arma, se aproximando daquele ser, desapareceu dentro do corpo dele como um mangusto desaparece em sua toca. Cheio de raiva, o filho de Drona então arremessou uma maça resplandecente das proporções de um poste fixado em honra de Indra. O ser devorou aquela maça também.

Finalmente, quando todas as suas armas estavam esgotadas, Ashvatthama, olhando ao redor, viu o firmamento inteiro densamente apinhado com imagens de Janardana. O filho de Drona, privado de armas, contemplando aquela visão extraordinária, se lembrou das palavras de Kripa, e empalidecendo de angústia, disse, "Aquele que não escuta as palavras benéficas dos amigos que aconselham são abrigados a se arrepender, sendo oprimidos pela calamidade, assim como eu, tolo por ter desconsiderado os meus dois benquerentes. O tolo que, desconsiderando o caminho indicado pelas escrituras, procura matar seus inimigos, se desvia do caminho da justiça e está perdido na selva sem rastros do pecado. Não se deve lançar armas sobre vacas, brâmanes, reis, mulheres, amigos, a mãe de alguém, o preceptor de alguém, um homem fraco, um idiota, um homem cego, um homem adormecido, um homem apavorado, um recém acordado do sono, uma pessoa embriagada, um lunático e um que esteja desatento. Os preceptores antigamente sempre inculcaram essa verdade aos homens. Eu, no entanto, por desconsiderar o caminho eterno indicado pelas escrituras, e por tentar trilhar um caminho errado, caí em angústia terrível. Os sábios chamam de uma calamidade terrível quando alguém retrocede, por causa do medo, de um grande feito depois de ter tentado realizá-lo. Eu sou incapaz, por aplicar somente minha habilidade e poder, de realizar aquilo que eu prometi.

O esforço humano nunca é considerado mais eficaz do que o destino. Se alguma ação humana que é começada não tem êxito por causa do destino, o ator se torna como alguém que, se desviando do caminho da retidão, está perdido na selva do pecado. Os sábios falam da derrota como tolice quando alguém, tendo

começado uma ação, se desvia dela por medo. Pela maldade da minha tentativa, essa grande calamidade veio sobre mim, de outra maneira o filho de Drona nunca seria forçado a se deter em batalha. Este ser, além disso, que eu vejo diante de mim, é extraordinário! Ele permanece lá como a vara de castigo divino erguida. Mesmo refletindo profundamente, eu não posso reconhecer quem é este ser. Sem dúvida, este ser é o fruto terrível dessa determinação pecaminosa que eu tentei realizar injustamente. Ele fica lá para frustrar essa determinação. Parece, portanto, que no meu caso esse desvio da luta foi ordenado pelo destino. Não é para eu me esforçar para a realização desse meu propósito a menos que o destino se torne favorável. Eu irei, portanto, nesta hora, procurar a proteção do pujante Mahadeva! Ele dissipará essa vara terrível de castigo divino erguida perante mim. Eu procurarei a proteção daquele deus, aquela fonte de tudo o que é benéfico, o marido de Umâ, também chamado Kapardin, enfeitado com uma guirlanda de caveiras humanas, aquele que arrancou os olhos de Bhaga, também chamado de Rudra e Hara. Em austeridades ascéticas e bravura ele supera de longe todos os deuses. Eu irei, portanto, procurar a proteção de Girisha armado com o tridente".

7

Sanjaya disse, "O filho de Drona, ó monarca, tendo refletido dessa maneira, desceu do terraço de seu carro e ficou de pé, curvando sua cabeça àquele deus supremo. E ele disse, 'Eu procuro a proteção Dele chamado Ugra, Sthanu, Shiva, Rudra, Sharva, Ishana, Ishvara, Girisha; daquele deus concessor de bênçãos que é o Criador e o Senhor do universo; Dele cuja garganta é azul, que não tem nascimento, que é chamado de Shakra, que destruiu o sacrifício de Daksha, e que é chamado de Hara; Dele cuja forma é o universo, que tem três olhos, que possui formas multifárias, e que é o marido de Umâ; que reside em crematórios, que se expande com energia, que é o senhor de diversas tribos de seres fantasmais, e que é possuidor de prosperidade e poder imperecíveis; daquele que maneja a maça coberta de caveiras, que é chamado de Rudra, que tem cabelos emaranhados na cabeça, e que é um brahmacari. Purificando a minha alma que é tão difícil de purificar, e possuidor como eu sou de pouca energia, eu adoro o Destruidor da cidade tripla, e ofereço a mim mesmo como a vítima. Tu tens sido cantado em hinos, és digno de hinos, e eu canto hinos para a tua glória!

Os teus propósitos nunca são frustrados. Tu estás vestido em peles; tu tens cabelo vermelho em tua cabeça; tu tens a garganta azul; tu és insuportável; tu és irresistível! Tu és puro; tu és o Criador de Brahman; tu és Brahma; tu és um brahmacari; tu és um cumpridor de votos; tu és dedicado a austeridades ascéticas; tu és infinito; tu és o refúgio de todos os ascetas; tu és multiforme; tu és o líder das diversas tribos de seres fantasmais; tu tens três olhos; tu és afeiçoado àqueles seres chamados de companheiros; tu és sempre visto pelo Senhor dos tesouros; tu és caro para o coração de Gauri; tu és o pai de Kumara; tu és moreno; tu tens um touro como o teu excelente transportador; tu estás vestido em um traje sutil; tu és o mais feroz; tu és ávido para adornar Uma; tu és superior a tudo o que é superior; tu és superior a tudo; não há nada superior a ti; tu és o manejador de

armas; tu és incomensurável, tu és o protetor de todos os quadrantes; tu estás envolvido em armadura dourada; tu és divino; e tens a lua como um ornamento na tua fronte! Com atenção concentrada eu procuro a tua proteção, ó deus! Para ter sucesso em superar essa angústia terrível que é tão difícil de superar eu sacrifico a ti, o mais puro dos puros, oferecendo para a tua aceitação os (cinco) elementos dos quais o meu corpo é composto!"

Sabendo que essa era a resolução dele por seu desejo de realizar seu objetivo, um altar dourado apareceu diante do filho de grande alma de Drona. Sobre o altar, ó rei, apareceu um fogo ardente, enchendo todos os pontos do espaço, cardeais e secundários, com seu esplendor. Muitos seres poderosos também, de bocas e olhos resplandecentes, de muitos pés, cabeças, e braços, enfeitados com *angadas* cravejados de pedras preciosas, e com armas erguidas, e parecendo com elefantes e montanhas, apareceram lá. Seus rostos pareciam os de lebres e javalis e camelos e cavalos e chacais e vacas e ursos e gatos e tigres e leopardos e corvos e macacos e papagaios. E os rostos de alguns pareciam os de cobras poderosas, e outros tinham rostos como os de patos. E todos eles eram dotados de grande refulgência. E os rostos de alguns eram como os de pica-paus e galos, ó Bharata, e de tartarugas e jacarés e golfinhos e enormes tubarões e baleias, e de leões e grous e pombos e elefantes e veados. Uns tinham rostos como os de corvos e falcões, alguns tinham orelhas em suas mãos; alguns tinham mil olhos, alguns tinham estômagos muito grandes, e alguns não tinham carne, ó Bharata! E alguns, ó rei, não tinham cabeça, e alguns, ó Bharata, tinham rostos como os de ursos. Os olhos de alguns eram como fogo, e alguns tinham a cor do fogo. Os cabelos nas cabeças e corpos de alguns eram fulgurantes e alguns tinham quatro braços, e alguns, ó rei, tinham rostos como os de ovelhas e cabras. A cor de alguns era como a das conchas, e alguns tinham rostos que pareciam conchas, e as orelhas de alguns eram como conchas, alguns vestiam guirlandas feitas de conchas, e as vozes de alguns pareciam o clangor de conchas. Alguns tinham cabelos emaranhados em suas cabeças, alguns tinham cinco tufos de cabelos, e alguns tinham cabeças que eram calvas. Alguns tinham estômagos magros; alguns tinham quatro dentes, alguns tinham quatro línguas, alguns tinham orelhas retas como setas e alguns tinham diademas em suas frontes. Alguns tinham cordões de grama em seus corpos, ó monarca, e alguns tinham cabelo encaracolado. Alguns tinham coberturas para a cabeça feitas de tecido, alguns tinham pequenas coroas, alguns tinham rostos belos, e alguns estavam enfeitados com ornamentos. Alguns tinham ornamentos feitos de lótus, e alguns estavam enfeitados com flores. Eles numeravam centenas e milhares.

Alguns estavam armados com *shataghnis*, alguns com raios, e uns tinham *mushalas* em suas mãos. Alguns tinham *bhushundis*, alguns tinham laços, e uns tinham maças nas mãos, ó Bharata! Nas costas de uns havia aljavas contendo flechas excelentes, e todos eram ferozes em batalha. Alguns tinham estandartes com bandeiras e sinos, e alguns estavam armados com machados de batalha. Uns tinham laços grandes em seus braços erguidos, e alguns tinham maças e clavas. Uns tinham postes sólidos em suas mãos, uns tinham cimitarras, e alguns tinham cobras com cabeças eretas como seus diademas. Alguns tinham cobras

grandes (enroscadas na parte superior dos braços) como *angadas*, e alguns tinham belos ornamentos em seus corpos. Uns estavam enegrecidos com poeira, uns sujos de lama, e todos estavam vestidos em mantos brancos e roupas brancas. Os membros de alguns eram azuis, enquanto outros tinham membros que eram morenos. E havia alguns que não tinham barba. Aqueles seres, chamados de companheiros, possuidores de cores douradas, e cheios de alegria, tocavam baterias e chifres e pratos e *jharjharas* e *anakas* e *gomukhas*. E alguns cantavam e alguns dançavam em volta proferindo sons altos, e alguns saltavam para frente e davam cambalhotas e pulavam para os lados. Dotados de grande velocidade, eles corriam em volta muito ferozmente, com o cabelo em suas cabeças ondulando no ar, como elefantes enormes enfurecidos com cólera e proferindo rugidos altos frequentemente. Terríveis, de aparência assustadora e armados com lanças e machados de batalha, eles estavam vestidos em mantos de diversas cores e enfeitados com guirlandas belas e unguentos. Adornados com *angadas* decorados com pedras preciosas, e com braços erguidos, eles eram dotados de grande coragem. Capazes de matar violentamente a todos os inimigos, eles eram irresistíveis em bravura. Bebedores de sangue e gordura e outras substâncias animais, eles subsistiam de carne e entranhas de animais. Alguns tinham os cabelos amarrados em tufos altos acima de suas cabeças. Uns tinham um único tufo em suas cabeças; uns tinham aros em suas orelhas; e uns tinham estômagos parecidos com os recipientes de barro usados para cozinhar. Alguns tinham estaturas muito baixas, e alguns eram muito altos. Alguns eram altos e muito ferozes. Uns tinham feições horríveis, uns tinham lábios compridos, e os membros genitais de alguns eram muito longos. Alguns tinham coroas valiosas e de diversos tipos sobre suas cabeças; e alguns eram carecas, e as cabeças de outros eram cobertas com madeixas emaranhadas.

Eles eram capazes de derrubar o firmamento com o sol, lua e estrelas sobre a terra, e de exterminar as quatro classes de seres criados. Eles não sabiam o que era temer, e eram capazes de aguentar os olhares de ira de Hara. Eles sempre agiam como queriam, e eram os senhores dos senhores dos três mundos. Sempre envolvidos em esportes alegres, eles eram mestres perfeitos do discurso e eram totalmente livres de orgulho. Tendo obtido os oito tipos de atributos divinos, eles nunca se rejubilavam com orgulho. O divino Hara está sempre maravilhado com as façanhas deles. Eles são devotados adoradores de Mahadeva. Adorado por eles em pensamentos, palavras, e ações, o grande deus protege aqueles seus devotos, olhando por eles em pensamentos, palavras e atos como seus próprios filhos. Cheios de raiva, eles sempre bebem o sangue e a gordura de todos os que odeiam Brahma. Eles sempre bebem também o suco soma dotado dos quatro tipos de sabor. Tendo adorado o deus portador do tridente com recitações vêdicas, com brahmacarya, com austeridades, e com autodomínio, eles obtiveram a companhia de Bhava. O divino Maheshvara, aquele senhor do passado, do presente e do futuro, como também Parvati, comem com aquelas diversas tribos de seres poderosos que compartilham da sua própria natureza.

Fazendo o universo ressoar com o som de diversos tipos de instrumentos, com o barulho de risadas, com sons altos e gritos e rugidos leoninos, eles se

aproximaram de Ashvatthama. Proferindo os louvores de Mahadeva e espalhando uma luz radiante por toda parte, desejosos de aumentar a honra de Ashvatthama e a glória de Hara de grande alma, e desejando averiguar a extensão da energia de Ashvatthama, e desejosos também de ver o massacre durante a hora do sono, armados com clavas terríveis e violentas e rodas ardentes e machados de batalha, aquela multidão de seres estranhos, dotados de formas terríveis, se aproximou de todos os lados. Eles eram capazes de inspirar medo nos três mundos com sua visão. O poderoso Ashvatthama, no entanto, vendo-os, não sentiu medo. O filho de Drona, armado com arco e com dedos envolvidos em grades feitas de peles de iguana, ofereceu a si mesmo como uma vítima para Mahadeva. Arcos eram o combustível e flechas afiadas eram as conchas, e a sua própria alma possuidora de grande poder era a libação, ó Bharata, naquela ação de sacrifício. O valente e colérico filho de Drona então, com mantras propiciatórios, ofereceu sua própria alma como a vítima. Tendo com ritos violentos adorado Rudra de atos violentos, Ashvatthama, com mãos unidas, disse estas palavras àquele deus de grande alma.

Ashvatthama disse, "Nascido da linhagem de Angirasa, eu estou prestes a despejar minha alma, ó deus, como uma libação neste fogo! Aceita, ó senhor, esta vítima! Nesta hora de angústia, ó Alma do universo, eu me ofereço como a vítima sacrifical, por devoção a ti e com o coração concentrado em meditação! Todas as criaturas estão em ti e tu estás em todas as criaturas! Uma reunião de todos os atributos superiores ocorre em ti! Ó senhor, tu és o refúgio de todas as criaturas. Eu sirvo como uma libação para ti, já que eu sou incapaz de vencer meus inimigos. Aceita-me, ó deus". Tendo dito essas palavras, o filho de Drona, subindo naquele altar sacrifical no qual um fogo ardia brilhantemente, ofereceu-se como a vítima e entrou naquele fogo ardente.

Vendo-o ficar imóvel e com as mãos erguidas como uma oferenda para ele mesmo, o divino Mahadeva apareceu em pessoa e disse sorridente, "Com verdade, pureza, sinceridade, resignação, austeridades ascéticas, votos, perdão, dedicação, paciência, pensamentos e palavras eu fui adorado devidamente por Krishna de atos puros. Por isso não há ninguém que seja mais caro para mim do que Krishna. Para honrá-lo e por sua ordem eu tenho protegido os Pancalas e manifestei diversos tipos de ilusão. Por proteger os Pancalas eu o tenho honrado. Eles, no entanto, foram afligidos pelo tempo. O período de suas vidas terminou".

Tendo dito essas palavras para Ashvatthama de grande alma, o divino Mahadeva entrou no corpo de Ashvatthama depois de lhe dar uma espada excelente e polida. Preenchido por aquele ser divino, o filho de Drona brilhou com energia. Por aquela energia derivada da divindade ele se tornou todo-poderoso em batalha. Muitos seres invisíveis e rakshasas procederam à sua direita e à esquerda quando ele partiu, como o próprio senhor Mahadeva, para entrar no acampamento de seus inimigos".

8

Dhritarashtra disse, "Enquanto o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, procedia dessa maneira para o acampamento hostil, Kripa e Bhoja pararam por medo? Eu espero que aqueles dois guerreiros em carros, detidos por guardas comuns, não tenham fugido secretamente, pensando em seus oponentes irresistíveis. Ou eles, depois de oprimirem o acampamento, os Somakas, e os Pandavas, seguiram, enquanto ainda envolvidos em batalha, o caminho muito glorioso pelo qual Duryodhana seguiu? Estão aqueles heróis, mortos pelos Pancalas, dormindo na Terra nua? Eles realizaram alguma façanha? Conta-me tudo isso, ó Sanjaya!"

Sanjaya disse, "Quando o filho de grande alma de Drona foi em direção ao acampamento, Kripa e Kritavarma esperaram no portão. Vendo-os prontos para se empenharem Ashvatthama ficou cheio de alegria e dirigindo-se a eles em voz baixa, ó rei, disse, 'Se vocês dois se esforçarem, vocês são competentes para exterminar todos os kshatriyas! O que dizer, portanto, deste resto do exército (Pandava), especialmente quando ele está mergulhado no sono? Eu entrarei no acampamento e me movimentarei como Yama. Eu estou certo de que vocês dois agirão de tal forma que nenhum homem possa escapar de vocês com vida".

Após dizer essas palavras o filho de Drona entrou no vasto acampamento dos Parthas; livrando-se de todo o medo, ele penetrou nele por um lugar onde não havia porta. O herói de braços poderosos, tendo entrado no acampamento, prosseguiu, guiado por sinais, muito suavemente, em direção aos alojamentos de Dhrishtadyumna. Os Pancalas, tendo realizado grandes façanhas, tinham estado muito cansados da batalha. Eles estavam dormindo confiantes, reunidos, e ao lado uns dos outros. Entrando no aposento de Dhrishtadyumna, ó Bharata, o filho de Drona observou o príncipe dos Pancalas dormindo diante dele em sua cama. Ele estava deitado em um belo lençol de seda sobre um leito caro e excelente. Excelentes coroas de flores estavam espalhadas sobre aquela cama que era perfumada com *dhupa* em pó. Ashvatthama, ó rei, despertou com um pontapé o príncipe de grande alma que dormia confiantemente e sem medo em sua cama. Sentindo aquele chute, o príncipe, irresistível em batalha e de alma incomensurável, acordou do sono e reconheceu o filho de Drona que estava diante dele. Enquanto ele estava se erguendo da cama, o poderoso Ashvatthama agarrou-o pelos cabelos e começou a pressioná-lo para baixo no chão com suas mãos. Assim pressionado por Ashvatthama com grande força, o príncipe, por medo como também pela sonolência, não foi capaz de usar sua força nessa hora. Golpeando-o com o pé, ó rei, em sua garganta e peito enquanto sua vítima se contorcia e rugia, o filho de Drona se esforçou para matá-lo como se ele fosse um animal. O príncipe Pancala feriu Ashvatthama com suas unhas e finalmente disse fracamente, 'Ó filho do preceptor, me mate com uma arma, não demores! Ó melhor dos homens, me deixes, através do teu ato, ir para as regiões dos justos!'

Tendo dito isso, aquele matador de inimigos, o filho do rei Pancala, atacado com força por aquele herói poderoso, ficou silencioso. Ouvindo aqueles sons

indistintos dele, o filho de Drona disse, ‘Ó desgraçado da tua raça, não há região para aqueles que matam seus preceptores. Por isso, ó tu de mente pecaminosa, tu não mereces ser morto por nenhuma arma!’ Enquanto falava assim, Ashvatthama, cheio de raiva, começou a golpear as partes vitais de sua vítima com chutes violentos de seus calcanhares, e matou seu inimigo como um leão mata um elefante enfurecido. Com os gritos daquele herói enquanto ele estava sendo morto, as suas esposas e guardas que estavam em sua tenda todos despertaram, ó rei! Vendo alguém esmagando o príncipe com força sobre-humana, eles consideraram que o atacante era um ser sobrenatural e, portanto, não proferiram gritos de medo. Tendo-o mandado para a residência de Yama por tais meios, Ashvatthama de grande energia saiu e foi para onde o seu belo carro tinha ficado. De fato, saindo da residência de Dhrishtadyumna, ó rei, Ashvatthama fez todos os pontos do horizonte ressoarem com seu rugido, e então procedeu em seu carro para outras partes do acampamento para matar seus inimigos.

Depois que o filho de Drona, aquele poderoso guerreiro em carro, tinha ido embora, as mulheres e todos os guardas proferiram um lamento alto de dor. Vendo seu rei morto, todas as esposas de Dhrishtadyumna, cheias de grande tristeza, gritaram. Àquele lamento delas muitos kshatriyas poderosos, despertando, puseram suas armaduras e foram lá para perguntar a causa daqueles gritos. Aquelas senhoras, apavoradas pela visão de Ashvatthama, em tons comoventes pediram aos homens para o perseguirem sem demora. Elas disseram, ‘Se ele é um rakshasa ou um ser humano nós não sabemos! Tendo matado o rei Pancala, ele ficou lá!’ A essas palavras, aqueles principais dos guerreiros cercaram de repente o filho de Drona. O último matou todos eles por meio da *rudrastra*. Tendo matado Dhrishtadyumna e todos os seus seguidores ele viu Uttamauja dormindo em sua cama. Atacando-o com seu pé na garganta e no peito, o filho de Drona matou o grande herói também enquanto o último se contorcia em agonia. Yudhamanyu, se levantando e crendo que o seu camarada estava sendo morto por um rakshasa, bateu rapidamente no peito do filho de Drona com uma maça. Avançando em direção a ele, Ashvatthama o agarrou e o derrubou no chão e matou-o como um animal enquanto o último proferia gritos altos.

Tendo matado Yudhamanyu dessa forma aquele herói prosseguiu contra os outros guerreiros em carros do rei, que estavam todos dormindo. Ele matou todos aqueles guerreiros que tremiam e gritavam como animais em um sacrifício. Pegando sua espada então ele matou muitos outros. Prosseguindo pelos diversos caminhos do acampamento, um depois do outro, Ashvatthama, talentoso no uso da espada, viu diversos *gulmas* e matou em um instante os guerreiros desarmados e adormecidos cansados dentro deles. Com aquela espada excelente ele matou combatentes e corcéis e elefantes. Todo coberto com sangue, ele então parecia ser a própria Morte incumbida pelo tempo. Fazendo seus inimigos tremerem pelos repetidos golpes de sua espada que eram de três tipos, Ashvatthama ficou banhado em sangue. Coberto como ele estava com sangue, e manejando como ele manejava uma espada brilhante, a sua forma, enquanto ele se movimentava em batalha, tornou-se extremamente terrível e sobre-humana.

Aqueles que acordavam do sono, ó Kaurava, ficavam estupefatos com o barulho alto (que eles ouviam em volta). Vendo o filho de Drona, eles olhavam para os rostos uns dos outros e tremiam (de medo). Aqueles kshatriyas, vendo a forma daquele opressor de inimigos, acreditavam que ele era um rakshasa e fechavam os olhos.

De forma terrível, ele correu a toda velocidade no acampamento como o próprio Yama, e finalmente viu os filhos de Draupadi e o resto dos Somakas. Alarmados pelo barulho, e sabendo que Dhrishtadyumna tinha sido morto, aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Draupadi, armados com arcos, despejaram destemidamente suas flechas no filho de Drona. Acordados por seu barulho, os Prabhadrakas com Shikhandi encabeçando-os começaram a oprimir o filho de Drona com suas setas. O filho de Drona, vendo-os despejando suas setas sobre si, proferiu um rugido alto e quis matar os poderosos guerreiros em carros. Lembrando-se da morte de seu pai, Ashvatthama encheu-se de fúria. Descendo do terraço de seu carro, ele avançou com fúria (contra seus inimigos). Pegando seu escudo brilhante com mil luas e sua espada maciça e divina decorada com ouro, o poderoso Ashvatthama avançou contra os filhos de Draupadi e começou atacá-los com sua arma. Então aquele tigre entre homens, naquela batalha terrível, golpeou Prativindhya no abdômen, no qual o último, ó rei, carente de vida, caiu sobre a Terra. O valente Sutasoma, tendo perfurado o filho de Drona com uma lança, avançou nele com sua espada erguida. Ashvatthama, no entanto, cortou o braço de Sutasoma com a espada em punho, e mais uma vez golpeou-o no flanco. Nisso, Sutasoma caiu, sem vida. O corajoso Shatanika, o filho de Nakula, pegando uma roda de carro com as duas mãos atingiu Ashvatthama violentamente no peito. O regenerado Ashvatthama atacou Shatanika violentamente depois de ele ter arremessado aquela roda de carro. Extremamente agitado, o filho de Nakula caiu sobre a Terra, e então o filho de Drona cortou sua cabeça. Então Shrutakarma, pegando uma clava com ferrões, atacou Ashvatthama. Avançando furiosamente no filho de Drona, ele o atingiu violentamente na parte esquerda da testa. Ashvatthama golpeou Shrutakarma com sua espada excelente no rosto. Sem sentidos e com o rosto desfigurado, ele caiu sem vida sobre a Terra. Por causa desse barulho o heroico Shrutakirti, aquele grande guerreiro em carro, se aproximando, despejou chuvas de flechas sobre Ashvatthama. Desviando aquela chuva de setas com seu escudo, Ashvatthama cortou do tronco do inimigo a cabeça bela do último enfeitada com brincos. Então o matador de Bhishma, o poderoso Shikhandi, com todos os Prabhadrakas, atacou o herói por todos os lados com diversas espécies de armas. Shikhandi atingiu Ashvatthama com uma flecha no meio das suas duas sobrancelhas. Cheio de raiva por isso, o filho de Drona, possuidor de grande poder, se aproximou de Shikhandi e cortou-o em dois com sua espada. Tendo matado Shikhandi, Ashvatthama, cheio de ira, avançou furiosamente contra os outros Prabhadrakas. Ele procedeu também contra o resto da tropa de Virata. Dotado de grande força, o filho de Drona fez uma grande carnificina entre os filhos, os netos, e os seguidores de Drupada, separando-os um depois do outro. Talentoso no uso da espada, Ashvatthama então, avançando contra outros combatentes, matou-os com sua espada excelente. Os guerreiros no acampamento Pandava viram aquela

Escuridão da Morte em sua forma incorporada, uma imagem preta, de boca sangrenta e olhos sangrentos, vestindo guirlandas carmesins e coberta com unguentos carmesim, vestida em um único pedaço de tecido vermelho, com um laço na mão, e parecendo uma senhora idosa, empenhada em cantar uma nota sombria e permanecendo diretamente diante de seus olhos, e prestes a levar homens e corcéis e elefantes todos atados em uma corda sólida. Ela parecia levar diversos tipos de espíritos, com cabelo despenteado e amarrados juntos em uma corda, como também, ó rei, muitos poderosos guerreiros em carros privados de suas armas. Em outros dias, ó senhor, os principais guerreiros do acampamento Pandava costumavam ver em seus sonhos aquela figura levando embora os combatentes adormecidos e o filho de Drona atingindo-os por trás! Os soldados Pandava viam aquela senhora e o filho de Drona em seus sonhos toda noite desde o dia em que a batalha entre os Kurus e os Pandavas havia começado. Afligidos antes pelo Destino, eles eram agora castigados pelo filho de Drona que apavorava todos eles com os rugidos terríveis que proferia. Afligidos pelo Destino, os bravos guerreiros do acampamento Pandava, se lembrando da visão que tinham visto em seus sonhos, identificaram-na com a que eles agora testemunhavam.

Pelo barulho feito, centenas e milhares de arqueiros Pandava no acampamento despertaram do sono. Ashvatthama cortava as pernas de alguns, e os quadris de outros, e perfurava alguns em seus flancos, movimentando-se como o próprio Destruidor solto pelo Tempo. A Terra, ó senhor, foi logo coberta com seres humanos que foram esmagados até a deformidade ou pisados por elefantes e corcéis e com outros que rugiam em grande aflição. Muitos deles exclamavam ruidosamente, ‘O que é isso?’ ‘Quem é esse?’ ‘Que barulho é esse?’ ‘Quem está fazendo o que?’ Enquanto proferiam tais gritos, o filho de Drona se tornava o seu Destruidor. Aquele principal dos batedores, o filho de Drona, mandou para as regiões de Yama todos aqueles Pandus e Srinjayas que estavam sem armadura e armas. Apavorados por aquele barulho, muitos despertavam do sono. Possuídos pelo medo, cegados pelo sono, e privados de seus sentidos, aqueles guerreiros pareciam desaparecer (perante a fúria de Ashvatthama). As coxas de muitos estavam paralisadas e muitos ficaram tão estupefatos que perderam toda a sua energia. Gritando e com medo, eles começaram a matar uns aos outros. O filho de Drona subiu novamente em seu carro de ruído terrível e pegando seu arco despachou muitos com suas flechas para a residência de Yama. Outros despertados do sono, corajosos guerreiros e principais dos homens, quando iam em direção a Ashvatthama eram mortos antes que pudessem se aproximar dele e foram dessa forma oferecidos como vítimas àquela Escuridão da Morte. Esmagando muitos com aquele principal dos carros, ele correu a toda velocidade pelo campo, e cobriu seus inimigos com repetidas chuvas de flechas. Outra vez com aquele seu belo escudo, adornado com cem luas, e com aquela espada que era da cor do firmamento, ele correu a toda velocidade no meio dos seus inimigos. Como um elefante agitando um lago grande, o filho de Drona, irresistível em batalha, agitou o acampamento dos Pandavas.

Acordados pelo barulho, ó rei, muitos guerreiros, afligidos ainda com sono e medo, e com os sentidos ainda sob uma nuvem, corriam para cá e para lá. Muitos gritavam em tons dissonantes e muitos proferiam exclamações incoerentes. Muitos não tiveram êxito em pegar suas armas e armadura. Os cabelos de muitos estavam despenteados, e muitos fracassaram em reconhecer uns aos outros. Tendo se levantado do sono, muitos caíram, fatigados; alguns vagavam aqui e ali sem nenhum propósito. Elefantes e corcéis, rompendo suas cordas, expeliram fezes e urina. Muitos, causando grande confusão, se amontoaram. Entre esses, alguns por medo se deitaram no chão. Os animais do acampamento os esmagaram lá.

Enquanto o acampamento estava nesse estado, rakshasas, ó rei, proferiam rugidos altos de alegria, ó chefe dos Bharatas! O barulho alto, ó rei, proferido por seres fantasmais em alegria encheu todos os pontos do horizonte e o firmamento. Ouvindo os lamentos de dor, elefantes, corcéis, rompendo suas amarras, avançaram para lá e para cá, esmagando os combatentes no campo. Quanto aqueles animais avançaram para lá e para cá, o pó erguido por eles fez a noite duplamente escura. Quando aquela escuridão densa se manifestou, os guerreiros no acampamento ficaram totalmente entorpecidos; pais não reconheceram seus filhos, irmãos não reconheceram seus irmãos. Elefantes atacando elefantes sem condutores, e corcéis atacando corcéis sem cavaleiros avançaram e quebraram e esmagaram as pessoas que ficavam em seu caminho. Perdendo toda ordem, combatentes atacaram e mataram uns aos outros, e, derrubando aqueles que ficavam em seu caminho, os despedaçavam. Privados de seus juízos e dominados pelo sono, e envolvidos em escuridão, os homens, impelidos pelo destino, mataram os seus próprios camaradas. Os guardas, deixando os portões que vigiavam, e aqueles em serviço nos postos avançados, deixaram os postos que protegiam, fugindo pelas suas vidas, privados de razão e não sabendo para onde iam. Eles matavam uns aos outros, os matadores, ó senhor, não reconhecendo os mortos. Afligidos pelo Destino eles gritavam por seus pais e filhos. Enquanto eles fugiam, abandonando seus amigos e parentes, eles chamavam uns aos outros, mencionando suas famílias e nomes. Outros, proferindo gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ caíam no chão. No meio da batalha, o filho de Drona, reconhecendo-os, matava todos eles.

Outros kshatriyas, enquanto estavam sendo massacrados, perdiam a razão, e afligidos pelo medo procuravam fugir de seu acampamento. Aqueles homens que procuravam fugir de seu acampamento para salvar suas vidas eram mortos por Kritavarma e Kripa no portão. Privados de armas e instrumentos e armaduras, e com cabelos despenteados, eles juntavam suas mãos. Tremendo de medo, eles ficavam no chão. Os dois guerreiros Kuru, no entanto, (que estavam em seus carros) não tinham piedade de ninguém. Nenhum entre aqueles que escaparam do acampamento foi poupado por aqueles dois homens vis, Kripa e Kritavarma. Então, para fazer o que era agradável para o filho de Drona, aqueles dois incendiaram o acampamento Pandava em três lugares.

Quando o acampamento foi incendiado, Ashvatthama, aquele alegrador de seus antepassados, ó monarca, correu a toda velocidade com a espada na mão

golpeando seus inimigos com grande habilidade. Alguns dos seus bravos inimigos avançavam em direção a ele e alguns corriam para lá e para cá. Aquele principal dos regenerados, com sua espada, privou todos eles de suas vidas. O filho valente de Drona, cheio de raiva, derrubou alguns dos guerreiros, cortando-os em dois com a espada como se eles fossem caules de gergelim. A Terra, ó touro da raça Bharata, ficou coberta com os corpos caídos dos principais dos homens e corcéis e elefantes misturados e proferindo lamentos e gritos dolorosos. Quando milhares de homens caíam privados de vida, incontáveis troncos sem cabeça ficavam de pé e caíam. Ashvatthama, ó Bharata, cortou braços enfeitados com *angadas* e segurando armas em punho, e cabeças, e coxas parecendo trombas de elefantes, e mãos, e pés. O ilustre filho de Drona mutilou as costas de alguns, cortou as cabeças de alguns, e fez alguns se desviarem da luta. E ele cortou alguns no meio, e cortou as orelhas de outros, e golpeou outros nos ombros, e empurrou as cabeças de alguns para dentro dos seus troncos.

Enquanto Ashvatthama se movimentava dessa forma, massacrando milhares de homens, a noite profunda se tornou mais terrível por causa da escuridão que surgiu. A terra tornou-se terrível de se olhar, coberta com milhares de seres humanos mortos e morrendo e inúmeros corcéis e elefantes. Cortados pelo enfurecido filho de Drona, seus inimigos caíam na terra que estava então apinhada com yakshas e rakshasas, e terrível com carros (quebrados) e corcéis e elefantes mortos. Alguns chamavam por seus irmãos, alguns por seus pais, e alguns por seus filhos. E alguns diziam, 'Os Dhartarashtras enfurecidos nunca poderiam realizar tais feitos em batalha como esses que rakshasas de atos perversos estão realizando (sobre nós) durante a hora de sono! É só por causa da ausência dos Parthas que essa grande matança está ocorrendo. Aquele filho de Kunti, que tem Janardana como seu protetor, não pode ser vencido por deuses, asuras, gandharvas, yakshas e rakshasas! Devotado a Brahma, de fala sincera, autocontrolado, e compassivo para com todas as criaturas, aquele filho de Pritha, chamado Dhananjaya, nunca mata alguém que está dormindo, ou que está desatento, ou alguém que pôs de lado suas armas ou que uniu as mãos em súplica, ou alguém que está se retirando, ou alguém cujo cabelo está despenteado. Ai, são rakshasas de ações pecaminosas que são cometendo essa ação terrível sobre nós'. Proferindo essas palavras, muitos se deitavam no chão.

O grande ruído causado pelos gritos e gemidos de seres humanos se extinguiu lentamente dentro de um curto espaço de tempo. A terra ficou encharcada de sangue, ó rei, e aquele pó espesso e terrível logo desapareceu. Milhares de homens se movendo em agonia, tomados pela ansiedade e dominados pelo desespero foram mortos por Ashvatthama como Rudra matando criaturas vivas. Muitos que se deitaram no chão abraçando uns aos outros, e muitos que procuraram fugir, e muitos que procuraram se esconder, e muitos que lutaram em batalha, foram todos mortos pelo filho de Drona. Queimados pelas chamas violentas e massacrados por Ashvatthama, os homens, perdendo a razão, mataram uns aos outros. Antes de a metade a noite acabar, o filho de Drona, ó monarca, despachou a grande hoste dos Pandavas para a residência de Yama.

Aquela noite, tão terrível e destrutiva para seres humanos e elefantes e corcéis encheu de alegria todas as criaturas que vagam no escuro. Muitos rakshasas e pishacas de várias tribos foram vistos lá, se empanturrando de carne humana e bebendo em grandes goles o sangue que se encontrava no chão. Eles eram ferozes, de cor escura, terríveis, de dentes adamantinos, e tingidos com sangue. Com cabelos emaranhados em suas cabeças, suas coxas eram longas e massivas; dotados de cinco pés, seus estômagos eram grandes. Seus dedos eram posicionados para trás. De temperamento cruel e feições repulsivas, sua voz era alta e terrível. Eles tinham fileiras de sinos tilintantes amarradas aos seus corpos. Possuidores de gargantas azuis, eles pareciam muito terríveis. Extremamente cruéis e incapazes de serem olhados sem medo, e sem aversão por coisa nenhuma, eles chegaram lá com seus filhos e esposas. De fato, diversas foram as formas vistas lá dos rakshasas que chegavam. Bebendo o sangue que corria em correntes, eles ficaram cheios de alegria e começaram a dançar em bandos separados. 'Isso é excelente', 'É puro', 'É muito doce', eram as palavras que eles proferiam.

Outras criaturas carnívoras, que subsistiam de comida animal, tendo se empanturrado de gordura e medula e ossos e sangue, começaram a comer as partes delicadas dos corpos. Outros, bebendo aquela gordura que fluía em correntes, corriam nus sobre o campo. Possuindo diversos tipos de rostos, outros seres carnívoros de grande ferocidade e que viviam de carne morta chegaram lá às dezenas de milhares e milhões. Lúgubres e gigantescos rakshasas também, de atos pecaminosos, foram lá em bandos igualmente numerosos. Outros seres fantasmais, cheios de alegria e fartando-se até a saciedade, ó rei, também chegaram lá e foram vistos no meio daquela carnificina terrível.

Quando amanheceu, Ashvatthama desejou deixar o acampamento. Ele estava então banhado em sangue humano e o punho de sua espada estava tão firmemente preso à sua mão que esta e a espada, ó rei, se tornaram uma! Tendo andado naquele caminho que nunca é trilhado (por bons guerreiros), Ashvatthama, depois daquele massacre, parecia o fogo ardente no fim do yuga depois deste ter reduzido todas as criaturas a cinzas. Tendo cometido aquele ato em conformidade com a sua promessa, e tendo trilhado aquele caminho não trilhado, o filho de Drona, ó senhor, esqueceu a dor pela morte de seu pai. O acampamento Pandava, pelo sono no qual todos dentro dele estavam mergulhados, estava completamente imóvel quando o filho de Drona tinha entrado nele durante a noite.

Depois da matança noturna, quando tudo ficou quieto mais uma vez, Ashvatthama saiu dele. Tendo saído do acampamento, o bravo Ashvatthama encontrou seus dois companheiros e, cheio de alegria, contou a eles da sua façanha, alegrando-os, ó rei, pelas informações. Aquele dois, em retorno, dedicados como eram ao bem dele, lhe deram a agradável notícia de como eles também tinham massacrado milhares de Pancalas e Srinjayas (nos portões). Assim aquela noite veio a ser terrivelmente destrutiva para os Somakas que tinham estado desatentos e adormecidos. O curso do tempo, sem dúvida, é

irresistível. Aqueles que tinham nos exterminado foram eles mesmos exterminados agora".

Dhritarashtra disse, "Por que é que aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drona, não realizou tal feito antes embora ele tivesse se esforçado resolutamente para dar a vitória a Duryodhana? Por que razão aquele grande arqueiro fez isso depois da morte do infeliz Duryodhana? Cabe a ti me dizer isso!"

Sanjaya disse, "Por medo dos Parthas, ó filho da linhagem de Kuru, Ashvatthama não pode realizar tal feito então. Foi devido à ausência dos Parthas e do inteligente Keshava como também de Satyaki que o filho de Drona pode realizar isso. Quem poderia, sem exceção do senhor Indra, ser competente para matá-los na presença desses heróis? Além disso, ó rei, Ashvatthama conseguiu realizar a façanha somente porque os homens estavam todos dormindo. Tendo feito aquele vasto massacre das tropas Pandava, aqueles três grandes guerreiros em carros (Ashvatthama, Kripa e Kritavarma), se encontrando, exclamaram, 'Boa sorte!' Seus dois companheiros felicitaram Ashvatthama, e o último foi também abraçado por eles. Em grande alegria o último proferiu estas palavras: 'Todos os Pancalas foram mortos, como também os filhos de Draupadi! Todos os Somakas também, assim como todos os que restaram dos Matsyas foram mortos por mim! Coroados com sucesso, vamos sem demora para onde o rei está! Se o rei ainda estiver vivo, nós lhe daremos essa notícia alegre!'"

9

Sanjaya disse, "Tendo matado todos os Pancalas e os filhos de Draupadi, os três heróis Kuru juntos foram àquele local onde Duryodhana estava, derrubado pelo inimigo. Chegando lá, eles viram que a vida não estava totalmente extinta no rei. Saltando de seus carros, eles cercaram teu filho. O rei Kuru, ó monarca, estava jazendo lá com as coxas quebradas. Quase sem sentidos, sua vida estava prestes a se esgotar. Ele estava vomitando sangue a intervalos, com olhos abatidos. Ele estava então cercado por um grande número de animais carnívoros de formas terríveis, e por lobos e hienas, que esperavam a uma distância não muito grande para se alimentarem do corpo dele. Com grande dificuldade o rei estava mantendo afastados aqueles animais predadores que estavam na expectativa de se banquetearem dele. Ele estava se contorcendo no chão em grande agonia. Vendo-o jazendo dessa maneira na terra, banhado em seu próprio sangue, os três heróis que eram os únicos sobreviventes do seu exército, Ashvatthama e Kripa e Kritavarma, ficaram atormentados pelo pesar e sentaram-se em volta dele. Cercado por aqueles três poderosos guerreiros em carros que estavam cobertos com sangue e que davam suspiros quentes, o rei Kuru parecia com um altar sacrifical circundado por três fogos. Contemplando o rei jazendo naquela situação muito indigna, os três heróis choraram em tristeza insuportável. Limpando o sangue do rosto dele com suas mãos, eles proferiram estas lamentações comoventes na audição do rei que jazia no campo de batalha.

Kripa disse, ‘Não há nada difícil demais para o destino ocasionar, já que este rei Duryodhana que era o senhor de onze akshauhinis de tropas jaz na terra nua, derrubado pelos inimigos e coberto de sangue! Vejam, gostando como ele gostava da maça, esta maça decorada com ouro puro ainda jaz ao lado do rei cujo esplendor ainda parece o do ouro puro! Em nenhuma batalha esta maça abandonou este herói! Até agora, quando ele está prestes a ascender para o céu, esta arma não deixa este guerreiro ilustre. Vejam, esta arma, adornada com ouro puro, jaz imóvel ao lado deste herói como uma mulher carinhosa ao lado de seu marido esticado em sua cama em seu quarto de dormir. Vejam os reveses ocasionados pelo Tempo! Este destruidor de inimigos costumava andar na liderança de todos os reis coroados, e agora come o pó, derrubado (pelo inimigo)! Ele que antigamente derrubou muitos inimigos e os fez jazerem no solo nu, ai, este rei dos Kurus jaz hoje no solo nu, derrubado pelos inimigos. Ele a quem centenas de reis costumavam reverenciar em temor, hoje jaz no campo de batalha, cercado por animais predadores. Os brâmanes antigamente costumavam visitar este senhor em busca de riqueza. Ai, animais predadores o visitam hoje para se alimentarem do seu corpo!’

Sanjaya continuou: "Vendo aquele chefe da linhagem de Kuru jazendo no chão, Ashvatthama, ó melhor dos Bharatas, proferiu estes lamentos comoventes: ‘Ó tigre entre reis, todas as pessoas te indicaram como o principal de todos os arqueiros! As pessoas também disseram que (em combates com maças) tu, um discípulo de Sankarshana, eras como o próprio Senhor dos tesouros (Kuvera)! Como então, ó impecável, Bhima poderia notar quaisquer lapsos em ti? Tu sempre foste poderoso e possuidor de habilidade! Ele, por outro lado, ó rei, é um indivíduo de alma pecaminosa! Sem dúvida, ó monarca, o Tempo neste mundo é mais poderoso do que tudo o mais, pois nós vimos até tu seres derrubado por Bhimasena em batalha! Ai, como pode o canalha e vil Vrikodara te derrubar injustamente, a ti que és conhecedor de todas as regras de justiça! Sem dúvida, o Tempo é irresistível. Ai, tendo te convocado para uma luta justa, Bhimasena, mostrando sua força, fraturou tuas coxas. Que vergonha para o patife Yudhishthira que permitiu que a cabeça de alguém injustamente derrotado em batalha fosse tocada com o pé! Em todas as batalhas os guerreiros certamente reprovarão Vrikodara enquanto o mundo durar. Sem dúvida tu foste derrotado injustamente!

O valente Rama da tribo Yadu, ó rei, sempre costumava dizer que não havia ninguém igual a Duryodhana em combates com maças. Aquele da tribo Vrishni, ó Bharata, costumava se gabar de ti, ó senhor, em todas as reuniões, dizendo, ‘Duryodhana da linhagem de Kuru é um discípulo digno meu!’ Tu obtiveste aquele fim o qual os grandes Rishis declaram ser a recompensa sublime de um kshatriya morto em batalha com seu rosto em direção ao inimigo. Eu, ó touro entre homens, não me aflijo por ti, ó Duryodhana! Eu sofro somente pela tua mãe Gandhari e pelo teu pai, sem filhos como eles estão agora. Afligidos pela tristeza, eles terão que vagar sobre a terra, mendigando seu alimento. Que vergonha para Krishna, da tribo de Vrishni, e para Arjuna de mente má! Eles se consideram conhecedores dos deveres de moralidade, ainda assim ambos ficaram indiferentes enquanto tu estavas sendo morto! Como irão os outros Pandavas, embora eles sejam sem

vergonha, ó rei, falar da maneira pela qual eles causaram a tua morte? Tu és altamente afortunado, ó filho de Gandhari, já que tu foste morto no campo de batalha, ó touro entre homens, enquanto avançavas honestamente contra o inimigo. Ai, quão difícil será a situação de Gandhari que está agora sem filhos, e que perdeu todos os seus amigos e parentes! Quão difícil será também a situação do rei cego!

Que vergonha para Kritavarma, para mim mesmo, como também para o poderoso guerreiro em carro Kripa, já que nós ainda não fomos para o céu com a tua nobre personalidade diante de nós! Que vergonha para nós, os mais baixos dos mortais, já que nós não seguimos a ti que eras o realizador de todos os desejos, o protetor de todos os homens, e o benfeitor de todos os teus súditos! Pelo teu poder, as residências de Kripa, de mim mesmo, e do meu pai, junto com as dos nossos dependentes, ó tigre entre homens, estão cheias de riquezas. Pela tua graça, nós com nossos amigos e parentes temos realizado muitos dos principais sacrifícios com uma profusão de presentes para os brâmanes. Aonde tais pessoas pecaminosas como nós irão, já que tu foste para o céu, levando contigo todos os reis da terra? Já que nós três, ó rei, não seguimos a ti que estás prestes a obter o fim mais elevado (da vida), é por isso que nós estamos nos entregando a essas lamentações. Carentes da tua companhia, privados de riquezas, com nossas memórias se estendendo dolorosamente sobre a tua prosperidade, ai, qual será a nossa sina já que nós não vamos contigo? Sem dúvida, ó chefe da família de Kuru, nós teremos que vagar em aflição sobre a terra. Carentes de ti, ó rei, onde nós poderemos ter paz e onde poderemos ter felicidade?

Partindo deste mundo, ó monarca, e te reunindo com aqueles poderosos guerreiros em carros (que te precederam), dirige as tuas saudações a eles, a meu pedido, um após o outro, segundo a ordem de sua posição e idade. Tendo oferecido culto ao teu preceptor, aquele principal de todos os manejadores de arcos, dize a ele, ó rei, que Dhrishtadyumna foi morto por mim. Abraça o rei Bahlika, aquele poderoso guerreiro em carro, como também o soberano dos Sindhus, e Somadatta, Bhurishrava, e os outros principais dos reis que te precederam para o céu. A meu pedido, abraça todos eles e pergunta sobre o seu bem-estar'.

Sanjaya continuou: "Tendo dito essas palavras ao rei privado dos seus sentidos que jazia com as coxas quebradas, Ashvatthama mais uma vez olhou para ele e proferiu estas palavras, 'Se, ó Duryodhana, tu ainda tens alguma vida em ti, escuta estas palavras que são tão agradáveis de ouvir. No lado dos Pandavas, somente sete estão vivos, e entre os Dhartarashtras, somente nós três! Os sete do lado deles são os cinco irmãos e Vasudeva e Satyaki; do nosso lado, os três são eu mesmo e Kripa e Kritavarma! Todos os filhos de Draupadi estão mortos, como também todos os filhos de Dhrishtadyumna! Todos os Pancalas também foram mortos, como também o resto dos Matsyas, ó Bharata! Vê a vingança tomada pelo que eles fizeram! Os Pandavas estão agora sem filhos! Enquanto mergulhados no sono, os homens e animais em seu acampamento foram todos mortos!

Penetrando no acampamento deles à noite, ó rei, eu matei Dhrishtadyumna, aquele indivíduo de atos pecaminosos, como se mata um animal'.

Duryodhana então, tendo ouvido aquelas palavras que eram tão agradáveis ao seu coração, recuperou os sentidos e disse estas palavras em resposta, 'Aquilo que nem o filho de Ganga, nem Karna, nem o teu pai puderam realizar foi finalmente realizado por ti hoje, acompanhado por Kripa e Bhoja. Tu mataste aquele patife inferior (Dhrishtadyumna) que era o comandante das tropas Pandava, como também Shikhandi. Por isso eu me considero igual ao próprio Maghavat! Que o bem seja de vocês todos! Que a prosperidade seja sua! Todos nós nos encontraremos novamente no céu!'

Tendo dito essas palavras o rei de grande alma dos Kurus ficou silencioso. Livrando-se das suas angústias por todos os seus parentes (mortos) ele então abandonou seu ar vital. A sua alma ascendeu para o céu sagrado, enquanto apenas o seu corpo permanecia na terra. Exatamente assim, ó rei, o teu filho Duryodhana deu seu último suspiro. Tendo provocado o início da batalha, ele finalmente foi morto por seus inimigos. Os três heróis repetidamente abraçaram o rei e o fitaram firmemente. Eles então subiram em seus carros. Após ouvir esses lamentos comoventes do filho de Drona, eu vim ao amanhecer em direção à cidade. Dessa maneira os exércitos dos Kurus e dos Pandavas foram destruídos. Grande e terrível foi aquela carnificina, ó rei, causada pela tua má política. Depois que o teu filho tinha ascendido para o céu eu fiquei tomado pela angústia e perdi a visão espiritual que o rishi me deu!'

Vaisampayana continuou, "O rei, sabendo da morte de seu filho, deu suspiros longos e quentes, e mergulhou em grande ansiedade".

Aiṣīka Parva

10

Vaisampayana disse, "Depois que aquela noite tinha passado, o condutor do carro de Dhrishtadyumna deu ao rei Yudhishthira a notícia do grande massacre que tinha ocorrido durante as horas de sono.

O condutor disse, 'Os filhos de Draupadi, ó rei, foram mortos, com todos os filhos do próprio Drupada, enquanto eles estavam desatentos e dormindo confiantemente em seu próprio acampamento! Durante a noite, ó rei, o teu acampamento foi exterminado pelo cruel Kritavarma, e Kripa, o filho de Gautama, e pelo pecaminoso Ashvatthama! Matando milhares de homens e elefantes e corcéis com lanças e dardos e machados de batalha, aqueles homens exterminaram o teu exército. Enquanto o teu exército estava sendo massacrado como uma floresta derrubada com machados, um lamento alto foi ouvido erguendo-se do acampamento. Eu sou o único sobrevivente, ó monarca, daquela vasta tropa. Eu, ó tu de alma virtuosa, escapei com dificuldade de Kritavarma em um momento em que ele estava desatento!'

Ouvindo essas más notícias o filho de Kunti, Yudhishthira, embora capaz de resistir (contra inimigos), caiu ao chão, tomado pela dor pela perda de seus filhos. Adiantando-se, Satyaki segurou o rei em seus braços. Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madri também esticaram seus braços. Tendo recuperado os sentidos, o filho de Kunti lamentou em grande aflição, proferindo estas palavras tornadas indistintas pela tristeza: 'Ai, tendo vencido o inimigo, nós mesmos fomos derrotados no fim! O rumo dos acontecimentos é difícil de ser averiguado até pelas pessoas dotadas de visão espiritual. Os inimigos que foram vencidos se tornaram vitoriosos! Nós mesmos, por outro lado, enquanto vitoriosos, fomos derrotados! Tendo matado irmãos e amigos e pais e filhos e benquerentes, e parentes, e conselheiros, e tendo derrotado todos eles, nós mesmos fomos derrotados no fim! Miséria parece prosperidade e prosperidade parece miséria! Essa nossa vitória assumiu a forma da derrota. Nossa vitória, portanto, terminou em derrota! Tendo ganhado a vitória, eu sou obrigado a sofrer como um infeliz atormentado. Como, então, eu posso considerar isso como uma vitória? Na realidade, eu fui duplamente derrotado pelo inimigo. Aqueles por cuja causa nós incorremos no pecado da vitória por matar nossos parentes e amigos, ai, eles, depois que a vitória os tinha coroado, foram vencidos por inimigos derrotados que estavam atentos!

Ai, pela negligência eles foram mortos, eles que tinham escapado até de Karna, aquele guerreiro que tinha setas farpadas e *nalikas* como seus dentes, a espada como sua língua, o arco como sua boca muito aberta, e a vibração da corda do arco e o som de palmas como seus rugidos, o furioso Karna que nunca se retirava da batalha, e que era um verdadeiro leão entre os homens! Ai, aqueles príncipes que conseguiram atravessar, por barcos constituídos por suas próprias armas excelentes, o grande oceano de Drona tendo carros como seus lagos profundos, chuvas de setas como suas ondas, os ornamentos dos guerreiros como suas pedras preciosas, os corcéis dos carros como seus animais, dardos e espadas como seus peixes, elefantes como jacarés, arcos como seus redemoinhos, armas poderosas como sua espuma, e o sinal de batalha como o nascer da lua fazendo-o se avolumar com energia, e a vibração da corda do arco e o som de palmas como seu ribombo, ai, até aqueles príncipes foram mortos por descuido!

Não há, neste mundo, causa mais poderosa de morte, em relação aos homens, do que a negligência! A prosperidade abandona um homem desatento de todos os lados, e todos os tipos de misérias o alcançam. O estandarte alto com topo excelente que ficava sobre o carro dele era a coroa de fumaça que infalivelmente indicava o fogo-Bhishma. Flechas constituíram suas chamas, e a ira era o vento que o agitava! A vibração do seu arco formidável e o som das suas palmas constituía o bramido daquele fogo. Armaduras e diversas espécies de armas eram as libações *homa* que eram despejadas nele. O vasto exército hostil era a pilha de grama seca da floresta que era atacada por aquele fogo. Ai, até aqueles que suportaram esse fogo feroz cuja energia terrível era representada pelas armas poderosas nas mãos de Bhishma ao final morreram em batalha por causa da negligência.

Uma pessoa desatenta nunca pode adquirir conhecimento, ascetismo, prosperidade, ou grande renome. Vejam, Indra obteve grande felicidade depois de matar todos os seus inimigos com cautela. Vejam, os sobreviventes entre os nossos inimigos, por nossa negligência, mataram muitos filhos e netos de reis, cada um dos quais era realmente como o próprio Indra. Ai, eles pereceram como comerciantes com carga valiosa perecendo por descuido em um rio raso depois de terem cruzado o grande oceano. Eles cujos corpos estão agora jazendo na terra nua, mortos por aqueles canalhas vingativos, sem dúvida ascenderam para o céu.

Eu sofro, no entanto, pela princesa Krishnâ. Ai, ela será mergulhada hoje em um oceano de dor. Sabendo da morte de seus irmãos e filhos e pai venerável, o rei dos Pancalas, sem dúvida ela cairá ao chão sem sentidos. Com seu corpo emaciado pela dor, ela não se erguerá novamente. Incapaz de suportar a dor resultante de tal aflição, e merecedora como ela é de felicidade, ai, quão difícil será a situação dela? Ferida até a medula pela morte de seus filhos e irmãos, ela ficará como alguém chamuscado pelo fogo'.

Tendo em aflição profunda lamentado dessa forma, aquele rei da família de Kuru então se dirigiu a Nakula, dizendo, 'Vai e traze a infeliz princesa Draupadi aqui junto com todos os seus parentes maternos'. Aceitando obedientemente aquela ordem do rei que se igualava ao próprio Yama em justiça, Nakula foi depressa em seu carro para os alojamentos de Draupadi onde aquela princesa residia com todas as esposas do rei Pancala. Tendo despachado o filho de Madri, Yudhishthira, atormentado pelo pesar, procedeu, com lágrimas nos olhos e acompanhado por aqueles seus amigos, para o campo sobre o qual os seus filhos tinham lutado e que ainda abundava com diversas espécies de criaturas. Tendo entrado naquele campo amaldiçoado cheio de visões violentas, o rei viu seus filhos, benquerentes, e amigos, todos jazendo no chão, cobertos com sangue, seus corpos mutilados, e cabeças separadas de seus troncos. Vendo-os naquela situação, Yudhishthira, aquele principal dos homens justos, ficou profundamente angustiado. Aquele chefe dos Kurus então começou a lamentar alto e caiu no chão, inconsciente, junto com todos os seus seguidores".

11

Vaisampayana disse, "Vendo seus filhos, netos e amigos todos mortos em batalha, a alma do rei foi dominada por grande dor, ó Janamejaya! Lembrando-se daqueles filhos e netos e irmãos e aliados, uma tristeza profunda tomou conta do monarca ilustre. Inconsciente e tremendo, seus olhos estavam banhados em lágrimas. Seus amigos então, eles mesmos cheios de ansiedade, começaram a consolá-lo.

Naquela hora, Nakula, hábil em transmitir mensagens, chegou lá em seu carro de refulgência solar, acompanhado pela princesa Krishnâ em grande aflição. Ela vinha residindo em Upaplavya. Tendo recebido aquela notícia acerca da morte de

todos os seus filhos, ela ficou extremamente agitada. Tremendo como uma bananeira sacudida pelo vento, a princesa Krishnâ, chegando à presença de Yudhishthira, caiu, afligida pela dor. Seu rosto, adornado com olhos semelhantes a um par de lótus totalmente desabrochados, parecia estar escurecido pela dor como o próprio Sol quando envolvido em escuridão.

Vendo-a prostrada no chão, o colérico Vrikodara, de bravura incapaz de ser detida, avançando rapidamente, ergueu-a e envolveu-a em seus braços. A senhora bela, confortada por Bhimasena, começou a chorar, e dirigindo-se ao filho de Pandu com seus irmãos mais velhos, disse, 'Por boa sorte, ó monarca, tendo obtido a terra inteira, tu desfrutarás dela depois da morte dos teus filhos corajosos no cumprimento dos deveres kshatriya. Por boa sorte, ó filho de Pritha, tu és feliz ao pensares que obtiveste a terra inteira. Por boa sorte os teus pensamentos não se demoram sobre o filho de Subhadra cujo andar parecia o de um elefante enfurecido. Por boa sorte tu, como eu mesma enquanto residindo em Upaplavya, não te lembras dos teus filhos heroicos massacrados no cumprimento dos deveres kshatriya. Ó filho de Pritha, sabendo da morte desses heróis adormecidos pelo filho de Drona de atos pecaminosos, a dor me queima como se eu estivesse no meio de um fogo. Se o filho de Drona não colher o fruto desse ato pecaminoso dele, se, empregando a tua bravura em batalha tu não tirares a vida daquele canalha de atos pecaminosos, junto com as vidas de todos os seus seguidores, então ouçam-me, ó Pandavas, eu me sentarei aqui em *praya*!'

Tendo dito essas palavras, a desamparada Krishnâ, a filha de Yajnasena, sentou-se ao lado do filho mais velho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo. O sábio nobre, Yudhishthira, de alma justa, vendo sua querida rainha sentar-se em *praya*, dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó senhora auspiciosa, ó tu que és conhecedora da moralidade, todos os teus filhos e irmãos encontraram honradamente uma morte nobre. Não cabe a ti te afligir por eles. Com relação ao filho de Drona, ele foi para uma floresta distante, ó princesa bela! Como, ó senhora, tu terás certeza da queda dele em batalha?'

Draupadi respondeu, 'Eu soube que o filho de Drona tem uma joia em sua cabeça, nascida com ele. Eu verei aquela pedra preciosa trazida para mim depois da morte daquele canalha em batalha. Colocando aquela pedra preciosa na tua cabeça, ó rei, eu aguentarei viver. Essa é a minha decisão'.

Após dizer essas palavras ao filho nobre de Pandu, a bela Krishnâ se aproximou de Bhimasena e disse estas palavras de sentido elevado para ele: 'Lembrando-te dos deveres de um kshatriya, ó Bhima, cabe a ti vir me salvar. Mata aquele homem de atos pecaminosos como Maghavat matando Samvara. Não há ninguém neste mundo que seja igual a ti em bravura. É conhecido por todo o mundo como em uma ocasião de grande calamidade tu te tornaste, na cidade Varanavata, o refúgio de todos os Parthas. Quando outra vez nós fomos vistos por Hidimba, foste tu que te tornastes o nosso amparo do mesmo modo. Como Maghavat resgatando (sua esposa) a filha de Puloma, tu salvaste a mim que estava aflita, na cidade de Virata, de uma grande calamidade. Como aquelas

grandes façanhas, ó Partha, que tu fizeste no passado, mata agora, ó matador de inimigos, o filho de Drona e sê feliz!'

Ouvindo essas e outras lamentações comoventes da princesa, o filho de Kunti, Bhimasena, de grande força, não pode suportá-las. Ele subiu em seu grande carro adornado com ouro e pegou seu arco belo com uma seta colocada na corda. Fazendo de Nakula o seu quadrigário, e decidido a matar o filho de Drona, ele começou a esticar seu arco e fez seus corcéis serem apressados sem demora. Aqueles corcéis, velozes como o vento, assim incitados, ó tigre entre homens, procederam com grande velocidade. Possuidor de grande bravura e energia imperecível, Bhima saiu do acampamento Pandava e procedeu com rapidez pelo caminho do veículo de Ashvatthama.

12

Vaisampayana disse, "Depois que o irresistível Bhimasena tinha partido, aquele touro da raça Yadu, possuidor de olhos como pétalas de lótus, dirigiu-se ao filho de Kuru, Yudhishthira, dizendo, 'Ó filho de Pandu, esse teu irmão, dominado pela dor pela morte de seus filhos, vai sozinho para a batalha, desejoso de matar o filho de Drona. Ó touro da raça Bharata, de todos os teus irmãos Bhima é o mais estimado por ti! Vendo-o cair em um grande perigo por que tu não te moves? A arma chamada *brahmashira*, que aquele subjugador de cidades hostis, Drona, transferiu para seu filho, é capaz de consumir o mundo inteiro. O ilustre e altamente abençoado preceptor, aquele principal de todos os manejadores de arcos, encantado com Dhananjaya, deu a ele aquela mesma arma. Incapaz de tolerar isso, o seu único filho então a pediu para ele. De má vontade ele deu o conhecimento daquela arma para Ashvatthama. O ilustre Drona conhecia a inquietação de seu filho. Conhecedor de todos os deveres, o preceptor deu esta ordem a ele, dizendo, 'Mesmo quando alcançado pelo maior perigo, ó filho, no meio da batalha, tu não deves nunca usar esta arma, especialmente contra seres humanos'. Exatamente assim o preceptor Drona falou ao seu filho. Um pouco depois ele falou novamente, dizendo, 'Ó touro entre homens, tu não irás, parece, trilhar o caminho dos justos'. Ouvindo essas palavras amargas de seu pai, Ashvatthama de alma pecaminosa, no desespero de obter todos os tipos de prosperidade, começou a vagar angustiado sobre a terra.

Então, ó chefe dos Kurus, enquanto vocês estavam vivendo nas florestas, ó Bharata, ele chegou a Dvaraka e tomou residência lá, reverenciado pelos Vrishnis. Um dia, depois que ele tinha tomado residência em Dvaraka, ele veio a mim, sem um companheiro e quando eu mesmo não tinha ninguém ao meu lado, no litoral, e lá se dirigindo a mim ele disse sorridente, 'Ó Krishna, aquela arma, chamada *brahmashira*, adorada por deuses e gandharvas, que o meu pai, o preceptor dos Bharatas, de destreza incapaz de ser frustrada, obteve de Agastya depois de realizar as mais austeras das penitências, está agora comigo, ó Dasharha, tanto quanto ela está com meu pai. Ó principal da tribo Yadu, em troca daquela arma celeste, dá-me o teu disco que é capaz de matar todos os inimigos em batalha'.

Enquanto ele com as palmas unidas e grande importunidade assim me pedia o meu disco, eu, ó touro da raça Bharata, desejando alegrá-lo, lhe disse estas palavras: ‘Deuses, danavas, gandharvas, homens, aves e cobras, reunidos, não são iguais a nem uma centésima parte da minha energia. Eu tenho este arco, este dardo, este disco, e esta maça. Eu darei a ti qualquer um deles que tu desejares ter de mim. Sem me dar a arma que tu desejas dar, pega dentre estas minhas armas qualquer uma delas que tu sejas capaz de manejar e usar em batalha’.

Ao ouvir isso, o filho ilustre de Drona, como se me desafiasse, solicitou das minhas mãos o meu disco de cubo excelente e sólido como o trovão, possuidor de mil raios, e feito de ferro, ‘Pega-o’ eu disse a ele. Assim falado, ele se ergueu de repente e agarrou o disco com a mão esquerda. Ele fracassou, no entanto, até em mover a arma do lugar no qual ela estava colocada. Ele então fez preparativos para agarrá-lo com a mão direita. Tendo-o agarrado então muito firmemente e tendo empregado toda a sua força, ele ainda assim não conseguiu manejá-lo ou movê-lo. Nisso, o filho de Drona ficou cheio de tristeza. Depois que ele se cansou com os esforços que fez, ele parou, ó Bharata!

Quando ele retirou seu coração daquele propósito, eu me dirigi ao ansioso e insensato Ashvatthama e disse, ‘Aquele que é sempre considerado como o principal de todos os seres humanos, o manejador do Gandiva, aquele guerreiro que tem corcéis brancos unidos ao seu carro, aquele herói que possui o príncipe dos macacos como o emblema em seu estandarte, aquele herói que, desejoso de derrotar em uma luta o deus dos deuses, o marido de garganta azul de Umâ, satisfez o próprio grande Shankara, aquele Phalguna que é o meu amigo mais querido sobre a terra, aquele amigo a quem não há nada que eu não possa dar inclusive as minhas próprias esposas e filhos, aquele caro amigo Partha de atos imaculados nunca disse a mim, ó brâmane, palavras tais como essas que tu proferiste.

Aquele filho que eu obtive por penitências ascéticas e observâncias de brahmacarya rígido por doze anos no leito de Himavat, para onde eu fui para esse propósito, aquele meu filho, Pradyumna, de grande energia e uma porção do próprio Sanat-kumara, gerado por mim em minha esposa Rukmini que praticou votos tão austeros quanto os meus, aquele herói nunca pediu este melhor dos objetos, este disco inigualável, o qual tu de pouca compreensão solicitaste!

Rama de grande poder nunca me disse tais palavras! Nem Gada nem Samba alguma vez pediram de mim o que tu pediste! Nenhum entre os outros grandes guerreiros em carros das tribos Vrishni e Andhaka que residem em Dvaraka alguma vez pediram de mim o que tu pediste! Tu és o filho do preceptor dos Bharatas, tu és tido em alta conta por todos os Yadavas. Deixa-me te perguntar, ó principal dos guerreiros em carros, com quem tu lutarias usando esta arma?’

Assim abordado por mim, o filho de Drona respondeu, dizendo, ‘Depois de oferecer culto a ti, ó Krishna, era minha intenção lutar contigo, ó tu de glória imorredoura! Foi para isso, ó Krishna, que eu pedi o teu disco que é adorado por deuses e danavas. Se eu o conseguisse eu então me tornaria invencível no

mundo. Tendo fracassado, ó Keshava, em realizar o meu quase inalcançável desejo, eu estou prestes a te deixar, ó Govinda! Dirige-te a mim em palavras agradáveis agora. Esta arma terrível é segurada por ti que és o mais notável de todos os homens terríveis. Inigualável és tu para esta arma! Não há ninguém mais neste mundo capaz de possuí-la".

Tendo dito estas palavras a mim, o filho de Drona, levando muitos pares de corcéis e muita riqueza e diversos tipos de pedras preciosas, deixou Dvaraka. Ele é colérico, de alma pecaminosa, inquieto, e muito cruel. Ele conhece a arma chamada *brahmashira*. Vrikodara deve ser protegido dele!"

13

Vaisampayana disse, "Depois de dizer essas palavras, aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele alegrador de todos os Yadavas, subiu em seu carro excelente equipado com todos os tipos de armas poderosas. Àquele veículo estavam unidos dois pares dos principais corcéis da raça Kamboja, que estavam enfeitados com guirlandas de ouro. O *dhur* daquele melhor dos carros era da cor do sol da manhã. À direita estava unido o corcel conhecido como Shaibya; à esquerda estava colocado Sugriva; a *parshni* era levada por dois outros chamados Meghapushpa e Balahaka. Era visto sobre aquele carro um estandarte celeste decorado com pedras preciosas e ouro e criado pelo Artífice divino, e posicionado no alto como a Mâyâ (do próprio Vishnu). Sobre aquele estandarte estava o filho de Vinata (Garuda) brilhando com grande esplendor. De fato, aquele inimigo das cobras pousava no topo do estandarte de Keshava que é a Verdade incorporada.

Então Hrishikesha, o principal de todos os arqueiros, subiu naquele carro. Depois dele Arjuna de atos irresistíveis e Yudhishthira o rei dos Kurus subiram no mesmo veículo. Instalados naquele carro, ao lado dele da tribo de Dasharha que manejava o arco chamado Sharnga, os dois filhos de Pandu pareciam extremamente belos, como os gêmeos Ashvinis sentados ao lado de Vasava. Fazendo-os subir naquele seu carro que era adorado por todo o mundo, ele da tribo de Dasharha incitou aqueles principais dos corcéis dotados de grande velocidade. Aqueles corcéis então voaram de repente, levando com eles aquele veículo excelente ocupado pelos dois filhos de Pandu e por aquele touro da raça Yadu. Dotados de grande velocidade, enquanto aqueles animais conduziam o manejador do Sharnga, alto se tornou o barulho causado pelo seu avanço, como o das aves percorrendo o ar.

Prosseguindo com grande velocidade, eles logo se aproximaram, ó touro da raça Bharata, do poderoso arqueiro Bhimasena em cujo encalço eles tinham seguido. Embora aqueles grandes guerreiros em carros tivessem encontrado Bhima, eles fracassaram, no entanto, em parar aquele filho de Kunti, que cheio de cólera procedia ferozmente em direção ao inimigo. Na própria visão daqueles arqueiros ilustres e firmes, Bhima, por meio dos seus corcéis muito velozes,

prosseguiu em direção à margem do rio trazido para baixo por Bhagiratha. Ele viu Vyasa de grande alma e ilustre e de feições escuras e nascido na ilha perto da beira da água no meio de muitos Rishis. E ele também viu o filho de Drona de atos perversos sentado junto deles, coberto com poeira, vestido em um traje feito de erva kusa, e totalmente coberto com manteiga clarificada. Bhimasena de braços poderosos, o filho de Kunti, pegando seu arco com uma flecha fixada nele, avançou em direção a Ashvatthama, e disse, 'Espere, espere!'

O filho de Drona, vendo aquele arqueiro terrível indo em direção a ele com arco na mão, e os dois irmãos no carro de Janardana, ficou extremamente agitado e pensou que a sua hora tinha chegado. De alma incapaz de ser abatida, ele chamou à sua mente a arma superior (que ele tinha obtido de seu pai). Ele então pegou uma folha de grama com a mão esquerda. Caído em grande infortúnio, ele inspirou aquela folha de grama com mantras apropriados e a converteu naquela arma celeste poderosa. Incapaz de suportar as setas (dos Pandavas) e a presença daqueles manejadores de armas celestes, ele proferiu em cólera estas palavras terríveis: 'Para a destruição dos Pandavas'. Tendo dito essas palavras, ó tigre entre reis, o valente filho de Drona disparou aquela arma para estupefazer todos os mundos. Um fogo então nasceu naquela folha de grama, o qual parecia capaz de consumir os três mundos como o todo-destrutivo Yama no fim do yuga".

14

Vaisampayana disse, "Bem no início o herói de braços poderosos da tribo Dasharha compreendeu pelos sinais a intenção do filho de Drona. Dirigindo-se a Arjuna ele disse, 'Ó Arjuna, ó filho de Pandu, chegou a hora de usar aquela arma divina que está na tua memória, o conhecimento que te foi dado por Drona. Para proteger a ti mesmo como também os teus irmãos, ó Bharata, dispara nesta batalha aquela arma que é capaz de neutralizar todas as armas'.

Assim abordado por Keshava, Arjuna, aquele matador de heróis hostis, desceu rapidamente do carro, levando com ele o seu arco com uma flecha fixada na corda. Gentilmente desejando bem ao filho do preceptor e então a si mesmo, e a todos os seus irmãos, aquele opressor de inimigos então reverenciou todos os deuses e todos os seus superiores e disparou sua arma, pensando no bem-estar de todos os mundos e proferindo as palavras, 'Que a arma de Ashvatthama seja neutralizada por esta arma!'

Aquela arma, disparada rapidamente pelo manejador do Gandiva, resplandeceu com chamas ferozes como o fogo todo-destrutivo que aparece no fim do yuga. Da mesma maneira, a arma que tinha sido disparada pelo filho de Drona de energia ardente também brilhou com chamas terríveis dentro de uma enorme esfera de fogo. Numerosos ribombos de trovões foram ouvidos; milhares de meteoros caíram; e todas as criaturas vivas sentiram um grande medo. Todo o firmamento parecia estar cheio com o barulho e assumiu um aspecto terrível com aquelas chamas de fogo. Toda a terra, com suas montanhas e água e árvores, tremeu.

Então os dois grandes Rishis, Narada, que é a alma de todas as criaturas, e o avô de todos os príncipes Bharata (Vyasa), vendo aquelas duas armas chamuscando os três mundos, apareceram lá. Os dois Rishis procuraram acalmar os dois heróis, Ashvatthama e Dhananjaya. Conhecedores de todos os deveres e desejosos do bem-estar de todas as criaturas, os dois sábios, possuidores de grande energia, ficaram no meio daquelas duas armas ardentes. Incapazes de serem subjugados por alguma força, aqueles dois Rishis ilustres, se colocando entre as duas armas, permaneceram como dois fogos ardentes. Incapazes de serem detidos por qualquer criatura dotada de vida, e respeitados por deuses e danavas, eles dois agiram dessa forma, neutralizando a energia das duas armas e fazendo o bem para todo o mundo.

Os dois Rishis disseram, ‘Aqueles grandes guerreiros em carros que morreram nessa batalha conheciam diversas espécies de armas. Eles, no entanto, nunca dispararam essas armas sobre os seres humanos. Que ato temerário é esse, ó heróis, que vocês fizeram?’

15

Vaisampayana disse, "À visão, ó tigre entre homens, daqueles dois Rishis possuidores de esplendor como o do fogo, Dhananjaya rapidamente resolveu retirar sua seta celeste. Unindo suas mãos, ele se dirigiu aos Rishis, dizendo, ‘Eu usei esta arma, dizendo, ‘Que ela neutralize a arma (do inimigo)!’ Se eu retirar essa arma superior, o filho de Drona de atos pecaminosos irá então, sem dúvida, consumir a todos nós com a energia da arma dele. Vocês dois são como deuses! Cabe a vocês idear algum meio pelo qual o nosso bem-estar como também o dos três mundos possa ser assegurado!’

Tendo dito essas palavras Dhananjaya retirou sua arma. A retirada daquela arma pelos próprios deuses em batalha é extremamente difícil. Não excetuando o próprio grande Indra, não havia ninguém exceto o filho de Pandu que fosse capaz de retirar aquela arma superior depois de ela ter sido uma vez lançada. Aquela arma nasceu da energia de Brahma. Nenhuma pessoa de alma impura pode trazê-la de volta depois de ela ter sido disparada. Somente alguém que leva a vida de um brahmacari pode fazer isso. Se alguém que não praticou o voto de brahmacarya procurar trazê-la de volta depois de tê-la disparado ela cortará a própria cabeça dele e o destruirá com todos os seus equipamentos. Arjuna era um brahmacari e um cumpridor de votos. Tendo obtido aquela arma quase inalcançável ele nunca a tinha usado nem quando mergulhado em situações de grande perigo. Praticante do voto de veracidade, possuidor de grande heroísmo, levando a vida de um brahmacari, o filho de Pandu era submisso e obediente a todos os seus superiores. Foi por isso que ele conseguiu retirar sua arma.

O filho de Drona, vendo aqueles dois Rishis de pé diante dele, não pode por sua energia retirar a sua própria arma terrível. Incapaz de retirar a grande arma em batalha, o filho de Drona, ó rei, com o coração triste, disse ao rishi nascido na ilha estas palavras, ‘Ameaçado por um grande perigo e desejoso de proteger

minha vida, eu disparei esta arma por medo de Bhimasena, ó sábio! Este Bhimasena de comportamento falso agiu pecaminosamente, ó santo, enquanto matava o filho de Dhritarashtra em batalha! É por isso, ó regenerados, que de alma impura como eu sou eu lancei esta arma. Eu não ouso, no entanto, retirá-la agora. Tendo inspirado esta arma celeste e irresistível com a energia do fogo, eu a atirei para a destruição dos Pandavas. Projetada para a destruição dos Pandavas, essa arma, portanto, tirará as vidas de todos os filhos de Pandu. Ó regenerados, eu, em cólera, fiz este ato pecaminoso. Eu invoquei esta arma em batalha para a destruição dos Pandavas'.

Vyasa disse, 'O filho de Pritha, Dhananjaya, ó filho, conhece a arma chamada *brahmashira*. Nem por fúria, nem para a tua destruição em batalha ele disparou esta arma. Arjuna, por outro lado, a usou para neutralizar a tua arma. Ele agora a retirou. Tendo obtido até a *brahmastra* pelas instruções do teu pai, Dhananjaya de braços poderosos não se desviou dos deveres de um kshatriya. Arjuna possui essa paciência, e essa honestidade. Ele é, além disso, conhecedor de todas as armas. Por que tu procuras realizar a destruição de tal pessoa com todos os seus irmãos? Aquela região onde a arma chamada *brahmashira* é neutralizada por outra arma superior sofre uma seca por doze anos, pois as nuvens não despejam uma gota de água lá por esse período. Por essa razão, o filho de braços poderosos de Pandu, embora ele tivesse o poder, não frustrou, pelo desejo de fazer o bem para as criaturas vivas, a tua arma com a dele. Os Pandavas devem ser protegidos; tu mesmo deves ser protegido; o reino também deve ser protegido. Portanto, ó tu de braços poderosos, retira essa tua arma celeste. Dissipa essa ira do teu coração e deixa os Pandavas ilesos. O sábio real Yudhishthira nunca desejou ganhar a vitória por cometer alguma ação pecaminosa. Dá a eles esta pedra preciosa que está na tua cabeça. Recebendo isso, os Pandavas em retorno te concederão a tua vida!'

O filho de Drona disse, 'Esta minha pedra preciosa é mais valiosa do que toda a riqueza que já foi ganha pelos Pandavas e pelos Kauravas. Se esta joia for usada o seu portador deixará de ter medo de armas ou doença ou fome! Ele cessará de ter qualquer medo dos deuses e danavas e nagas! Os seus receios de rakshasas como também de ladrões cessarão. Essas são as virtudes dessa minha joia. Eu não posso, de modo algum, me desfazer dela. Aquilo que tu dizes, no entanto, ó santo, deve ser feito por mim. Aqui está esta pedra preciosa. Aqui estou eu mesmo. Esta folha de grama (transformada em uma arma fatal) irá, no entanto, cair nos úteros das mulheres Pandava, pois esta arma é superior e poderosa, e incapaz de ser frustrada. Ó regenerado, eu não posso retirá-la, uma vez tendo-a lançado. Eu agora jogarei esta arma nos úteros das mulheres Pandava. Quanto às tuas ordens com relação a outras coisas, ó santo, eu certamente as obedecerei'.

Vyasa disse, 'Faze isso então. No entanto, não nutras nenhum outro propósito, ó impecável! Jogando essa arma nos úteros das mulheres Pandava, detém a ti próprio'.

Vaisampayana continuou, "O filho de Drona, ao ouvir as palavras do nascido na ilha, jogou aquela arma nos úteros das mulheres Pandava".

16

Vaisampayana disse, "Compreendendo que aquela arma tinha sido lançada (nos úteros das mulheres Pandava) pelo filho de Drona de atos pecaminosos, Hrishikesha, com o coração alegre, disse estas palavras a ele: ‘Certo brâmane de votos pios, vendo a filha de Virata que é agora nora de Arjuna, enquanto ela estava em Upaplavya, disse, ‘Quando a linhagem Kuru se tornar extinta, um filho nascerá para ti. Este teu filho, por esta razão, será chamado pelo nome de Parikshit’. As palavras daquele homem pio se tornarão verdadeiras: os Pandavas terão um filho chamado Parikshit’. Para Govinda, aquele principal da tribo Satwata, enquanto ele estava dizendo estas palavras, o filho de Drona, cheio de ira, respondeu, dizendo, 'Ó Keshava, isso que tu dizes por parcialidade pelos Pandavas não acontecerá. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, as minhas palavras não podem deixar de se realizar. Erguida por mim, esta minha arma cairá no feto que está no útero da filha de Virata, sobre aquele feto que tu, ó Krishna, estás desejoso de proteger’.

O santo disse, ‘A queda dessa arma poderosa não será inútil. O feto morrerá. Mas estando morto, ele viverá novamente e terá uma vida longa! Quanto a ti, todos os homens sábios te conhecem como um covarde e um patife pecaminoso! Sempre dedicado a atos pecaminosos, tu és um assassino de crianças. Por essa razão tu deves suportar o resultado desses teus pecados. Por 3.000 anos tu vagarás sobre esta terra, sem um companheiro e sem poder conversar com ninguém. Sozinho e sem ninguém ao teu lado, tu vagarás por diversos países, ó patife, tu não terás lugar entre os homens. O fedor de pus e sangue emanará de ti, e florestas inacessíveis e pântanos sombrios serão tua residência! Tu vagarás sobre esta Terra, ó tu de alma pecaminosa, com o peso de todas as doenças sobre ti.

O heroico Parikshit, alcançando a velhice e um conhecimento dos Vedas e a prática de votos pios, obterá todas as armas do filho de Sharadvata. Tendo obtido o conhecimento de todas as armas superiores, e cumpridor de todos os deveres kshatriyas, aquele rei de alma justa governará a terra por sessenta anos. Mais que isso, aquele menino se tornará o rei de braços fortes dos Kurus, conhecido pelo nome de Parikshit, perante os teus próprios olhos, ó tu de alma perversa! Embora queimado pela energia do fogo da tua arma, eu o ressuscitarei. Ó mais inferior dos homens, vê a energia das minhas austeridades e da minha verdade’.

Vyasa disse, ‘Já que, nos desrespeitando, tu cometeste esse ato extremamente cruel, e já que teu comportamento é esse embora tu sejas um bom brâmane (por nascimento), portanto, essas palavras excelentes que o filho de Devaki disse serão, sem dúvida, realizadas no teu caso, um adotante como tu tens sido dos costumes kshatriyas!’

Ashvatthama disse, ‘Contigo mesmo entre todos os homens, ó santo, eu viverei! Que as palavras desses ilustres e principais dos homens se tornem verdadeiras!’

Vaisampayana continuou, "O filho de Drona, então, tendo transferido a sua joia para os Pandavas de grande alma, procedeu tristemente, perante os olhos deles, para a floresta. Os Pandavas, que tinham matado e castigado todos os seus inimigos, colocando Govinda e Krishna nascido na ilha e o grande asceta Narada à sua frente, e levando a pedra preciosa que nasceu com Ashvatthama, voltaram rapidamente até a inteligente Draupadi que estava sentada em observância do voto *praya*.

Aqueles tigres entre homens, levados por seus corcéis excelentes parecidos com o vento em velocidade, voltaram com aquele da tribo Dasharha para o seu acampamento. Descendo depressa dos seus carros, aqueles grandes guerreiros em carros, eles mesmos muito mais aflitos, contemplaram a filha de Drupada Krishna afligida pela dor. Aproximando-se da princesa desanimada tomada pela tristeza e angústia, os Pandavas com Keshava sentaram-se em volta dela.

Então o poderoso Bhimasena, pelo desejo do rei, deu aquela joia celeste a ela e disse estas palavras: 'Esta pedra preciosa, ó senhora amável, é tua. O assassino de teus filhos foi derrotado. Levanta, rejeitando a tua tristeza, e te lembra dos deveres de uma senhora kshatriya. Ó tu de olhos negros, quando Vasudeva estava prestes a sair (de Upaplavya) em sua missão de paz, tu, ó senhora tímida, disseste estas palavras ao matador de Madhu: 'Eu não tenho maridos! Eu não tenho filhos, nem irmãos! Nem tu estás vivo, ó Govinda, já que o rei deseja a paz!' Essas palavras amargas foram dirigidas por ti a Krishna, este principal dos seres! Cabe a ti lembrar aquelas tuas palavras que eram tão compatíveis com os costumes kshatriyas.

O canalha Duryodhana, aquele obstáculo no caminho da nossa soberania, está morto. Eu bebi o sangue de Duhsasana vivo. Nós pagamos a dívida que tínhamos com o nosso inimigo. As pessoas, quando conversarem, não poderão nos criticar nunca mais. Tendo vencido o filho de Drona, nós o libertamos por ele ser um brâmane e pelo respeito que deve ser demonstrado pelo nosso preceptor falecido. A fama dele tendo sido destruída, ó deusa, somente o seu corpo resta! Ele está sem a sua joia e sobre a terra ele foi despojado de suas armas!'

Draupadi disse, 'Eu desejei somente pagar a nossa dívida pela injúria que sofremos. O filho do preceptor é digno de minha reverência como o próprio preceptor. Que o rei ate esta pedra preciosa em sua cabeça, ó Bharata!' O rei então, pegando aquela joia, a colocou em sua cabeça, pelo desejo de Draupadi e considerando-a como um presente do preceptor. Levando em sua cabeça aquela pedra preciosa excelente e celeste, o pujante rei parecia belo como uma montanha com a lua sobre ela. Embora tomada pela dor por causa da morte de seus filhos, a princesa Draupadi, possuidora de grande força mental, desistiu de seu voto. Então o rei Yudhishthira inquiriu o poderosamente armado Krishna, dizendo as seguintes palavras.

17

Vaisampayana disse, "Depois que todas as tropas foram mortas durante a hora do sono por aqueles três guerreiros em carros, o rei Yudhishthira em grande angústia disse estas palavras àquele da tribo Dasharha: 'Como, ó Krishna, os meus filhos, todos os quais eram poderosos guerreiros em carros, puderam ser mortos pelo pecaminoso e desprezível Ashvatthama de pouca habilidade em batalha? Como também pode o filho de Drona matar os filhos de Drupada, todos os quais eram talentosos em armas, possuidores de grande coragem, e capazes de lutar com centenas de milhares de inimigos? Como ele pode matar aquele principal dos guerreiros em carros, Dhrishtadyumna, perante o qual nem o próprio grande arqueiro Drona podia aparecer? Qual ação foi feita pelo filho do preceptor, ó touro entre homens, pela qual ele conseguiu matar, sozinho, todos os nossos homens em batalha?'

O santo disse: 'Em verdade, o filho de Drona procurou a ajuda daquele mais elevado de todos os deuses, o eterno Mahadeva. Foi por isso que ele teve êxito em matar, sozinho, um número tão grande de guerreiros. Se Mahadeva estiver satisfeito, ele pode conceder até a imortalidade. Girisha pode dar tal bravura que conseguirá deter o próprio Indra. Eu conheço Mahadeva realmente, ó touro da raça Bharata! Eu conheço também as suas várias ações de outrora. Ele, ó Bharata, é o início, o meio, e o fim de todas as criaturas. Todo este universo age e se move devido à sua energia.

O pujante Avô, desejoso de criar criaturas vivas, viu Rudra; e o Avô pediu-lhe, dizendo, 'Cria criaturas vivas sem demora!' Assim rogado, Rudra de madeixas escuras, dizendo, 'Que assim seja' mergulhou na água e praticou austeridades por um longo tempo, visto que ele era consciente dos defeitos das criaturas vivas. Tendo esperado na expectativa de Rudra por muito tempo, o Avô, por um decreto de sua vontade, chamou à existência outro ser para fazer dele o criador de todas as espécies de coisas vivas. Vendo Girisha mergulhado nas águas, este (segundo) ser disse ao seu pai, 'Se não houver nenhum ser nascido antes de mim, então eu criarei criaturas vivas!' Seu pai respondeu a ele, dizendo, 'Não há outro ser primogênito além de ti! Este Sthanu mergulhou na água! Vai e cria criaturas vivas, sem nenhuma ansiedade!'

Aquele ser então criou muitas criaturas vivas, tendo Daksha como seu primeiro, que criou todas essas criaturas de quatro espécies. Logo, no entanto, que elas foram criadas, elas correram, ó rei, em direção a seu pai, afligidas pela fome e desejosas de devorá-lo. O segundo ser que Brahma tinha criado então correu em direção a ele, desejoso de proteção contra a sua própria prole. E ele disse ao Avô, 'Ó ilustre, me protege delas, e que essas criaturas tenham seu alimento designado para elas!' Então o Avô designou ervas e plantas e outros vegetais como seu alimento, e para aquelas que eram fortes ele atribuiu as criaturas mais fracas como meio de sustento. Seu sustento tendo sido assim atribuído, as criaturas recém-criadas foram todas embora para as regiões que elas desejaram, e se multiplicaram alegremente pela união com as suas respectivas espécies.

Depois que as criaturas tinham se multiplicado e o Avô tinha ficado bem satisfeito, o primogênito ergueu-se da água e contemplou a criação viva. Ele viu diversas espécies de criaturas que tinham sido criadas e que tinham se multiplicado por sua própria energia. A essa visão Rudra ficou zangado e fez seu membro gerador desaparecer nas entranhas da Terra. O imperecível Brahma, acalmando-o por meio de palavras gentis, disse a ele, ‘Ó Sharva, o que tu estiveste fazendo tanto tempo dentro da água? Por que razão também tu fizeste o teu membro de geração desaparecer nas entranhas da Terra?’ Assim questionado, aquele senhor do universo respondeu colericamente ao senhor Brahman, ‘Alguém mais criou todas essas criaturas! Para que propósito então servirá esse meu membro? Eu, pelas minhas austeridades, ó Avô, criei alimento para todas essas criaturas. Estas ervas e plantas também se multiplicarão como aqueles que irão subsistir delas!’ Tendo dito essas palavras, Bhava partiu, com tristeza e raiva, para a base das montanhas Menjavat para praticar austeridades mais severas.

18

O santo disse, "Depois que o krita-yuga tinha passado, os deuses, desejosos de realizar um sacrifício, fizeram devidamente a preparação para um de acordo as instruções prescritas nos Vedas. Eles reuniram manteiga clarificada e os outros requisitos. E eles não somente planejaram quais requisitos o seu sacrifício deveria ter, mas também determinaram quais entre eles mesmos teriam uma parte nas oferendas sacrificais.

Não conhecendo Rudra realmente, os celestiais, ó rei, não atribuíram uma parte para o divino Sthanu. Vendo que os celestiais não atribuíram a ele uma parte nas oferendas sacrificais, Sthanu, vestido em peles de veado, desejou destruir aquele Sacrifício e com esse objetivo construiu um arco. Há quatro tipos de Sacrifícios: o Sacrifício loka, o Sacrifício de ritos especiais, o Sacrifício doméstico eterno, e o Sacrifício que consiste na satisfação derivada pelo homem do seu desfrute das cinco substâncias elementares e seus compostos. É desses quatro tipos de Sacrifício que o universo surgiu. Kapardin construiu aquele arco usando como materiais o primeiro e o quarto tipos de Sacrifícios. O comprimento daquele arco era cinco cúbitos. O (mantra) sagrado "vashat," ó Bharata, foi feito sua corda. As quatro partes, nas quais um Sacrifício consiste, se tornaram os adornos daquele arco.

Então Mahadeva, cheio de raiva, e pegando aquele arco, foi àquele local onde os celestiais estavam engajados em seu Sacrifício. Vendo o imperecível Rudra chegando lá vestido como um brahmacari e armado com aquele arco, a deusa Terra se encolheu de medo e as próprias montanhas começaram a tremer. O próprio vento parou de se mover, e o próprio fogo, embora alimentado, não se inflamou. As estrelas no firmamento, em ansiedade, começaram a vagar em direções irregulares. O esplendor do Sol diminuiu. O disco da Lua perdeu a sua beleza. Todo o firmamento ficou envolto em uma escuridão densa. Os celestiais,

oprimidos, não sabiam o que fazer. Seu Sacrifício parou de brilhar. Os deuses estavam todos apavorados. Rudra então perfurou a encarnação do Sacrifício com uma flecha ardente no coração. A forma incorporada do Sacrifício, assumindo a forma de um veado, fugiu, com o deus do fogo. Aproximando-se do céu naquela forma, ele resplandeceu em beleza. Rudra, no entanto, ó Yudhishthira, o perseguiu pelos céus. Depois que o Sacrifício tinha fugido, os deuses perderam seu esplendor. Tendo perdido a razão, os deuses ficaram estupefatos.

Então Mahadeva de três olhos, com seu arco, quebrou com raiva os braços de Savitri, e arrancou os olhos de Bhaga e os dentes de Pushan. Os deuses então fugiram, como também as várias partes do Sacrifício. Alguns entre eles, cambaleando enquanto procuravam fugir, caíram sem sentidos. Rudra de garganta azul, tendo-os agitado dessa forma, riu alto, e, girando o corno do seu arco, os paralisou. Os celestiais então proferiram um grito. Por ordem deles, a corda do arco se partiu. A corda tendo rompido, o arco ficou esticado em uma linha. Os deuses então se aproximaram do deus dos deuses sem arco e, com a forma incorporada do Sacrifício, procuraram a proteção do pujante Mahadeva e se esforçaram para agradá-lo.

Satisfeito, o grande deus jogou sua ira na água, ó rei, aquela ira, assumindo a forma do fogo, está sempre empenhada em consumir aquele elemento líquido. Ele então deu a Savitri seus braços, a Bhaga seus olhos, e a Pushan seus dentes. E ele também restaurou os próprios Sacrifícios, ó Pandava! O mundo mais uma vez ficou são e salvo. Os deuses designaram para Mahadeva todas as libações de manteiga clarificada como a parte do grande deus. Ó monarca, quando Mahadeva tinha ficado zangado, o mundo inteiro ficou assim agitado, quando ele ficou satisfeito tudo ficou seguro. Possuidor de grande energia, o deus Mahadeva estava satisfeito com Ashvatthama. Foi por isso que os teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, puderam ser mortos por aquele guerreiro. Foi por isso que muitos outros heróis, os Pancalas, com todos os seus seguidores, puderam ser mortos por ele. Tu não deves permitir que tua mente se demore sobre isso. Não foi o filho de Drona que realizou aquele ato. Aquilo foi feito pela graça de Mahadeva. Faze agora o que deve ser feito em seguida’.

Fim do Sauptika-parva.